

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
UNIDADE EDUCACIONAL SEDE DELMIRO GOUVEIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA

ALEXANDRE MARQUES DOS SANTOS

**AS DIFERENTES PAISAGENS DA “RUA DA FRENTE” EM PAULO AFONSO/BA:
FOTOGRAFIA, PESQUISA E ENSINO DE GEOGRAFIA ESCOLAR**

Delmiro Gouveia – AL

2023

ALEXANDRE MARQUES DOS SANTOS

**AS DIFERENTES PAISAGENS DA “RUA DA FRENTE” EM PAULO AFONSO/BA:
FOTOGRAFIA, PESQUISA E ENSINO DE GEOGRAFIA ESCOLAR**

Monografia apresentada ao Curso de licenciatura plena em Geografia da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Orientador: Prof. Me. Kleber Costa da Silva.

Delmiro Gouveia – AL

2023

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza CRB-4/2209

S237d Santos, Alexandre Marques dos

As diferentes paisagens da “Rua da Frente”, em Paulo Afonso / BA: fotografia, pesquisa e ensino de geografia escolar / Alexandre Marques dos Santos. - 2023.

93 f. : il.

Orientação: Kleber Costa da Silva.

Monografia (Licenciatura em Geografia) – Universidade Federal de Alagoas. Curso de Geografia. Delmiro Gouveia, 2023.

1. Geografia. 2. Geografia escolar. 3. Ensino e aprendizagem. 4. Fotografia. 5. Paisagem urbana. 6. Rua da Frente. 7. Paulo Afonso - Bahia. I. Silva, Kleber Costa da. II. Título.

CDU: 913:373.5

FOLHA DE APROVAÇÃO

ALEXANDRE MARQUES DOS SANTOS

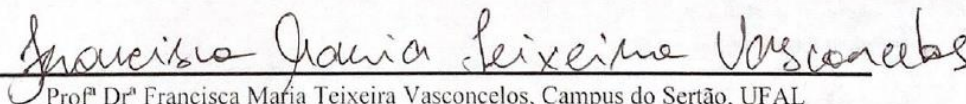
AS DIFERENTES PAISAGENS DA “RUA DA FRENTE” EM PAULO AFONSO/BA: FOTOGRAFIA, PESQUISA E ENSINO DE GEOGRAFIA ESCOLAR

Monografia submetida à banca examinadora do curso de licenciatura plena em Geografia da Universidade Federal de Alagoas e aprovada em 02 de maio de 2023.

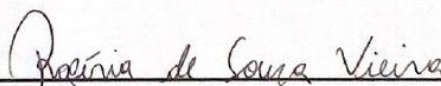
Banca Examinadora:



Prof. Me Kleber Costa da Silva, Campus do Sertão, UFAL
(Orientador)



Profª Drª Francisca Maria Teixeira Vasconcelos, Campus do Sertão, UFAL
(Examinadora Interna)



Prof. Me. Rogéria de Souza Vieira
(Examinadora Externa)

Dedico este trabalho, *in memoriam*, a minha eterna avó, Angelita Marques Chagas, a qual este trabalho só foi possível em razão do caminho primeiramente enfrentado por ela, possibilitando minhas conquistas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a mim mesmo e a tantas outras versões desde a infância até aqui, que persistiram e continuaram, mesmo diante das fases difíceis, a caminhada para que conquistas como esta pudessem um dia ocorrer.

Agradeço ao meu orientador pelos direcionamentos, principalmente no início da jornada, onde todas as ideias estavam ainda desorganizadas e ele me direcionou.

Agradeço a docentes que foram cruciais para minha formação, para o meu desenvolvimento enquanto pesquisador e docente. Esses agradecimentos são para os/as professores/as Leônidas, Suana e Francisca.

Agradeço a Alexia, Tainara, Wesley, Amanda e Jucá. Pessoas fundamentais ao longo da jornada acadêmica que é impossível de ser trilhada sozinha. E especialmente a Lara, que além disso, esteve ao meu lado em diversos momentos, tal pessoa que me inspira tanto com a sua determinação, tenho a honra de ter como parceira na universidade e amiga na vida.

Agradeço especialmente a Cristina, minha dupla desde o primeiro período, minha parceira e até uma irmã. A que esteve comigo em todos os momentos, tenham sido por questões da universidade ou da vida pessoal. Você foi a pessoa primordial nas minhas conquistas, sua força me impulsionou em todos os momentos!

Agradeço a minhas amigas Thalita e Melina, estas que me conheceram antes da UFAL e vivenciaram todas essas minhas fases antes e durante. Estas que com suas histórias e em nossas interações tanto me ensinam. Amo vocês!

Agradeço ao amor da minha vida, Marcos Manoel, este que convivendo vinte quatro horas comigo acompanhou muito bem toda a montanha russa de emoções que senti. Que me ajudou em todas as etapas, até as correções necessárias. Que me apoiou e me ajudou a continuar. Te amo!

Agradeço aos meus irmãos Luiz e Fernanda. Agradecer principalmente a Paula, minha mãe, uma das mulheres que mais me inspira em tantos os sentidos, mas especialmente, aquela que nunca desistiu de mim desde o primeiro momento e continuou sempre me incentivando, depositando confiança. Te amo, mainha!

Indiscutivelmente, a cegueira pessoal que obscurece nossa visão individual está relacionada com o isolamento que é possível em nossa sociedade urbana e mecanicista. Aprendemos a ver apenas o que praticamente precisamos ver. Atravessamos nossos dias com viseira, observando somente uma fração do que nos rodeia (COLLIER, 1973, p. 3).

RESUMO

O presente trabalho surgiu da necessidade de se pensar meios que promovam a contínua ruptura com o método de ensino tradicional da Geografia na educação básica. Dessa forma, teve por objetivo utilizar a pesquisa geográfica enquanto recurso didático para a Geografia Escolar. O seu desenvolvimento se deu durante o estágio supervisionado III, regência no ensino médio, no Colégio Estadual Carlina Barbosa de Deus, no município de Paulo Afonso/BA. Através do auxílio da técnica fotográfica, a pesquisa se deu a partir da apreensão dialética das diferentes paisagens da avenida Getúlio Vargas, popularmente “rua da frente”, no próprio município, pensada em conjunto com as demais ruas e avenidas no entorno que configuram a região comercial da cidade. Dialogando com os referidos conceitos geográficos como Região e Paisagem, além da própria temática da urbana, com leituras acerca do ensino de Geografia na educação básica e da cidade enquanto tema em sala de aula. Através de tal aporte teórico-metodológico, foram desenvolvidas aulas dialógicas e construída uma atividade de caráter diagnóstico e formativo, na qual os resultados demonstraram a diferença entre um ensino por meio de exemplos distantes e um ensino que parta da realidade dos/as estudantes. O que resultou em um espaço para a argumentação crítica e maior participação do alunado tendo como ponto de partida suas próprias leituras dos espaços vividos, em conjunto com os saberes geográficos apresentados em sala pelo professor. Logo, o trabalho em questão resulta ainda em uma demonstração da possibilidade de contribuição no processo de ruptura com um ensino que tão somente se preocupa na memorização de conteúdos, no qual o/a estudante não vê de maneira palpável e que não se estende para fora da sala de aula. Observou-se ainda que é necessário e possível a busca de métodos que aproximem cada vez mais da realidade dos/das estudantes, com seus conhecimentos, aos saberes acadêmicos, formalizando um ensino crítico e que condiz com o objetivo da Geografia Escolar, a de formar cidadãos dotados de ferramentas intelectuais para leitura crítica dos diferentes espaços da Terra, desde a escala local, até a global.

Palavras-chave: Geografia Escolar; Fotografia e Paisagem; Região Comercial; Avenida Getúlio Vargas.

ABSTRACT

The present work arose from the need to think about means that promote the continuous rupture with the traditional method of teaching Geography in basic education. Thus, it aimed to use geographic research as a didactic resource for School Geography. Its development took place during the supervised internship III, conducting in high school, at Colégio Estadual Carlina Barbosa de Deus, in the city of Paulo Afonso/BA. Through the aid of the photographic technique, the research was based on the dialectical apprehension of the different landscapes of Avenida Getúlio Vargas, popularly known as “front street”, in the municipality itself, thought together with the other streets and avenues in the surroundings that configure the region. city commercial. Dialoguing with the aforementioned geographical concepts such as Region and Landscape, in addition to the urban theme itself, with readings about the teaching of Geography in basic education and the city as a theme in the classroom. Through this theoretical-methodological contribution, dialogic classes were developed and an activity of a diagnostic and formative nature was constructed, in which the results demonstrated the difference between teaching through distant examples and teaching based on the students' reality. This resulted in a space for critical argumentation and greater student participation, taking as a starting point their own readings of the lived spaces, together with the geographic knowledge presented in the classroom by the teacher. Therefore, the work in question also results in a demonstration of the possibility of contributing to the process of breaking with a teaching that is only concerned with memorizing contents, in which the student does not see in a tangible way and that does not extend outwards. from the classroom. It was also observed that it is necessary and possible to search for methods that bring the reality of the students, with their knowledge, closer to academic knowledge, formalizing a critical teaching that is consistent with the objective of School Geography, that of forming citizens endowed with intellectual tools for a critical reading of the different spaces on Earth, from the local to the global scale.

Keywords: School Geography; Photography and Landscape; Commercial Region; Getúlio Vargas Avenue.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	- Avenida Getúlio Vargas em seu início.....	18
Figura 2	- Feira livre na av. Getúlio Vargas.....	19
Figura 3	- Vista aérea da av. Getúlio Vargas em 1980.....	20
Figura 4	- Imagem de satélite demarcando a av. Getúlio Vargas, a região comercial da cidade e as vias de acesso.....	22
Figura 5	- Início da rua Amâncio Pereira através da av. Getúlio Vargas.....	23
Figura 6	- Início da rua São Francisco.....	24
Figura 7	- Final da rua 31 de Março.....	24
Figura 8	- Início da rua Monsenhor Magalhães.....	25
Figura 9	- Final da rua Otaviano Leandro de Moraes.....	25
Figura 10	- Início da av. Landolfo Alves.....	26
Figura 11	- Calçadão da av. Getúlio Vargas.....	32
Figura 12	- Calçadão da av. Getúlio Vargas.....	33
Figura 13	- Calçadão da av. Getúlio Vargas.....	33
Figura 14	- Laterais dos prédios na av. Getúlio Vargas.....	34
Figura 15	- Laterais dos prédios na av. Getúlio Vargas.....	34
Figura 16	- Prédios residenciais na av. Getúlio Vargas.....	36
Figura 17	- Prédios residenciais na av. Getúlio Vargas.....	36
Figura 18	- Prédios residenciais na av. Getúlio Vargas.....	37
Figura 19	- Transporte coletivo na av. Getúlio Vargas.....	37
Figura 20	- Transporte coletivo na av. Getúlio Vargas.....	38
Figura 21	- Calçadão da av. Getúlio Vargas durante a noite.....	39
Figura 22	- Avenida Getúlio Vargas a noite.....	39
Figura 23	- Praça na av. Getúlio Vargas durante o dia.....	40
Figura 24	- Praça na av. Getúlio Vargas durante a noite.....	40

Figura 25 – Praça na av. Getúlio Vargas durante o dia.....	41
Figura 26 – Praça na av. Getúlio Vargas durante a noite.....	41
Figura 27 – Livro didático utilizado na turma.....	52
Figura 28 – Capítulo indicado pelo professor supervisor.....	53
Figura 29 – Seção base da aula.....	54
Figura 30 – Seção base da aula.....	55

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CHESF Companhia Hidrelétrica do São Francisco

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	DO COMERCIO AS MORADIAS: OS DIFERENTES USOS DA “RUA DA FRENTE”	17
2.1	A avenida através do tempo.....	17
2.2	A regionalidade presente na “rua da frente”	21
2.2.1	A região comercial	22
2.3	Para além do visível	27
2.3.1	Paisagem: o material e o simbólico	27
2.3.2	Iconografia e iconologia: o estudo através das fotografias.....	29
2.4	O material e o simbólico da “rua da frente”	32
3	PESQUISA, FOTOGRAFIA E A GEOGRAFIA ESCOLAR.....	43
3.1	Geografia escolar e a cidade enquanto tema	44
3.1.1	A cidade educadora.....	46
3.1.2	Universidade e Escola.....	47
3.2	Fotografia e ensino.....	48
4	PENSAR A “RUA DA FRENTE” EM SALA DE AULA.....	51
4.1	A cidade abordada em sala.....	51
4.2	Discutindo a partir da leitura da cidade dos estudantes.....	57
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
	REFERÊNCIAS	63
	APÊNDICE A – SLIDE DA AULA SOBRE REGIÃO.....	67
	APÊNDICE B – SLIDE DA AULA SOBRE REGIÃO.....	68
	APÊNDICE C – SLIDE DA AULA SOBRE REGIÃO.....	69
	APÊNDICE D – SLIDE DA AULA SOBRE REGIÃO.....	70
	APÊNDICE E – ATIVIDADE.....	71
	APÊNDICE F – SLIDE DA AULA SOBRE REGIÃO.....	72
	APÊNDICE G – SLIDE DA AULA SOBRE REGIÃO.....	73
	APÊNDICE E – ATIVIDADE.....	74
	ANEXO A – ALUNO 1.....	75
	ANEXO B – ALUNO 1.....	76
	ANEXO C – ALUNO 2.....	77

ANEXO D – ALUNO 2.....	78
ANEXO E – ALUNO 3.....	79
ANEXO F – ALUNO 4.....	80
ANEXO G – ALUNO 5.....	81
ANEXO H – ALUNO 6.....	82
ANEXO I – ALUNO 7.....	83
ANEXO J – ALUNO 8.....	84
ANEXO K – ALUNO 9.....	85
ANEXO L – ALUNO 10.....	86
ANEXO M – ALUNO 11.....	87
ANEXO N – ALUNO 12.....	88
ANEXO O – ALUNO 13.....	89
ANEXO P – ALUNO 14.....	90
ANEXO Q – ALUNO 15.....	91

1 INTRODUÇÃO

O ensino da Geografia tradicional, como já é de conhecimento, consiste em decoreação dos assuntos abordados no livro didático. Tal metodologia não permite espaço para o diálogo entre os estudantes e os professores, ocorre apenas uma transferência do que dito pelo docente.

O presente trabalho surge da necessidade de contribuir para a ruptura com esse método. O objetivo é utilizar a pesquisa geográfica como recurso didático no ensino da Geografia Escolar. Aliado a fotografia e em como tais auxiliam no processo de um ensino crítico acerca da realidade espacial. Propondo-se a realizar um ensino da cidade de maneira crítica na busca da formação da cidadania dos/as estudantes. Os quais, através da própria cidade, que fornece saberes que são evidenciados em sala de aula através da mediação do professor entre a vivência dos estudantes e o conhecimento geográfico, tendo como ponto de partido/*locus* a avenida Getúlio Vargas, a popular “rua da frente”.

No ensino da Geografia tradicional não há aprofundamento ou mesmo abertura para questionamentos acerca dos assuntos abordados. O ensino da Geografia escolar tradicional, se resume a memorização de nomes de biomas, de rios, de formas de relevos e tantos outros aspectos espaciais, estes tidos por verdade absoluta (CARVALHO, 2007).

É de suma importância se lembrar que, a escola moderna surgiu de maneira estratégica por interesses da classe dominante (CARLOS et. al., 2015). Perpetuar um ensino que não forme estudantes e cidadãos críticos é ser conivente com um sistema que se incomoda com as mudanças sociais. É dever de professores e professoras fazer uso da mesma instituição para construir um ensino democrático.

Cada vez mais docentes e pesquisadores/as buscam romper com o ensino tradicional, o qual continua a ser utilizado nos dias de hoje, que pouco acrescenta na formação dos estudantes. Pensando nisso, anterior a presente pesquisa, um outra foi realizado no curso de Licenciatura plena em Geografia, da UFAL - Campus do Sertão – Delmiro Gouveia. Em seu trabalho de conclusão de curso, a egressa Maria Jailma da Silva (2021), discutiu principalmente o crescente uso de novos recursos didáticos na busca da efetivação do ensino e aprendizagem da Geografia na educação básica, sendo a fotografia o recurso explorado em sua pesquisa, em comparativo com as imagens utilizadas em livros didáticos. Onde se foi percebido que as fotografias proporcionam desenvolvimento da criticidade e da participação dos estudantes.

Como é apontado por Moran et. al. (2000), um dos grandes desafios para a docência é conseguir que os conteúdos, as informações trabalhadas em sala sejam valorizadas pelos/as estudantes e se tornem referencial para a leitura de mundo de cada um deles.

Dessa forma, a temática surgiu de diversas questões pessoais. Primeiramente, por ser residente do município de Paulo Afonso/BA e ter, portanto, a avenida em questão como o principal meio de acesso a bens e serviços na cidade. Quanto a Colégio Estadual Carlina Barbosa de Deus, onde foi realizada a presente pesquisa durante o estágio supervisionado III, regência no ensino médio, foi o mesmo ao qual estudei o ensino médio, este que tem a avenida como principal acesso.

A problemática, logo, surge de uma inquietação quanto a necessidade entre a pesquisa geográfica e o ensino da Geografia Escolar estarem aliadas, ou seja, é possível a pesquisa geográfica contribuir com o ensino da Geografia escolar? A proposta é a de demonstrar em como a pesquisa e o ensino podem e devem estar em conjunto na consolidação de ambas. A universidade cumprindo seu papel de desenvolver conhecimento científico para a comunidade.

Para a realização de tal proposta, o presente trabalho foi realizado através de metodologias qualitativas. Para Oliveira (2012), a pesquisa qualitativa tem como característica o aprofundamento dos sentidos do que se busca e dos resultados. E utilizando também a metodologia dialética, que ainda de acordo com Demo (2009), proporciona leituras dos movimentos e sentidos, tanto a partir que ele denomina de condições objetivas, até as condições subjetivas da realidade. Tais metodologias são adotadas para a construção da presente pesquisa em razão da mesma buscar através do conceito de Paisagem os diferentes sentidos presentes na avenida Getúlio Vargas, desde o campo objetivo na análise de toda a estrutura presente na avenida, até o subjetivo, os sentidos e usos atribuídos a partir das relações que nela acontecem, sendo auxiliada pela dialética na busca da compreensão e discussão da avenida e seus elementos e da mesma quando pensada na sala de aula.

Da sua estrutura, encontra-se estruturado em capítulos que contemplem o desenvolvimento da pesquisa geográfica, a discussão de recursos didáticos no ensino de Geografia na educação básica e em como este ocorre na prática, em sala de aula.

O capítulo intitulado de *Do comercio as moradias: os diferentes usos da “rua da frente”*, teve como proposta a elaboração da pesquisa que se tornou a base para o recurso didático. Assim, nele buscou entender e demonstrar os diferentes usos da avenida Getúlio Vargas através da paisagem, uma região comercial, mas que também comporta residências e outros sentidos em sua dinâmica espacial. Assim, o capítulo conta com aporte teórico de autores como Corrêa (2003), na obra *O espaço urbano*, elucidando, portanto, a cidade, sua dinâmica e organização. Outro conceito presente é o de paisagem, a partir de obras como *Metamorfoses do Espaço Habitado*, de Santos (2021). A respeito da fotografia, o trabalho se apoia em autores

com Kossoy (2012), com *Fotografia & História*, e Collier (1973), *Antropologia visual: a fotografia como método de pesquisa*.

Em seguida, o capítulo: *Pesquisa, fotografia e a geografia escolar*, partiu do objetivo de discutir o uso da pesquisa geográfica, fotografias e a cidade enquanto temática na Geografia Escolar. A construção se deu a partir de leituras acerca do ensino de Geografia, utilizando-se de obras como *Ensino de Geografia*, da Castellar & Vilhena (2010), *Ensino de Geografia na Escola* e *A Geografia Escolar e a cidade: Ensaio sobre o ensino de Geografia para a vida urbana cotidiana*, ambos da Cavalcanti (2016), na qual a autora discute a formação cidadania dos estudantes a partir de um ensino dialético e crítico acerca da cidade na disciplina de Geografia, utilizando a cidade e a pesquisa geográfica enquanto base. Contando também com leituras da pedagogia, como a de Libâneo (1990), com *Didática* e Wachowicz (1991), com *O método dialético na didática*.

Após a produção da pesquisa geográfica e a discussão da cidade enquanto tema e base para o ensino na Geografia Escolar, o último capítulo: *Pensar a “rua da frente” em sala de aula*, apresenta a aplicação e avaliação do uso da pesquisa geográfica em sala de aula. Tal ocorreu durante o estágio supervisionado III, regência no Ensino Médio. Sendo realizado no Colégio Estadual Carlina Barbosa de Deus, em Paulo Afonso/BA, em uma turma de 3º ano do ensino regular.

Além de questões pessoais já apontadas acima, a escolha do colégio também se fundamenta pela avenida Getúlio Vargas ser uma das principais rotas de acesso a instituição de ensino, fazendo parte, então, do cotidiano dos estudantes. O que traz uma das questões primordiais, trabalhar a Geografia em sala de aula a partir do cotidiano, dos espaços vividos.

O conceito chave deste trabalho é o de Paisagem, análise e discussão a partir desta categoria de análise. A proposta para a sala de aula seria o ensino através de tal conceito, entretanto, em razão do que fora solicitado pelo professor supervisor no período do estágio de regência, o conceito se tornou aliado para o ensino do conceito de Região. Assim, todo o material didático se definiu como identificação da regionalidade da “rua da frente” através da paisagem, das fotografias, com o propósito do entendimento do conceito de Região.

Através da aula expositiva e da atividade avaliativa de sondagem aplicada, foram obtidos os dados para a discussão. As respostas de cada estudante demonstraram a diferença quando se aborda algo que está próximo da realidade. Garantiu espaço para questionamentos, problemáticas e criticidade dos estudantes frente a um espaço pertencente de sua própria cidade.

Assim, o que se refletiu através do que foi visto no quarto capítulo é o esforço necessário na busca de métodos de ensino e de uma didática que proporcione aos estudantes dialogarem de forma crítica com o que está sendo apresentado pelo professor, pela professora.

Alunos e alunas possuem conhecimentos prévios que precisam ser levados em consideração e quando estes se aliam aos conhecimentos científicos, proporciona a produção do conhecimento escolar e uma efetivação no ensino e aprendizagem. A aula não acontece em torno do professor, mas todos são protagonistas em sala, todos presentes aprendem a cada aula quando se estabelece espaço para diálogos e trocas de conhecimento.

2 DO COMERCIO AS MORADIAS: OS DIFERENTES USOS DA “RUA DA FRENTE”

Ao considerar que o objeto de estudo da Geografia é a sociedade e a sua organização no espaço (CORRÊA, 1995), é previsto encontrar os diferentes processos, usos, sentidos e contradições na mesma paisagem. Partindo dessa premissa, a presente pesquisa a respeito da avenida Getúlio Vargas, popularmente conhecida como “rua da frente”, trata-se de um estudo iconográfico e iconológico da paisagem urbana presente na região central da cidade. Eixo este que, além de sua importância material/visível, possui grande poder simbólico por sua história desde a formação do município.

O município possui 64 (sessenta e quatro) anos, em razão disso a avenida apresenta muitas das suas características iniciais, como as residências. Entretanto, estas deram lugar a predominância comercial. Quanto a Avenida Getúlio Vargas, possui grande consenso no seu sentido de local comercial. Contudo, como será visto, ela possui outros usos para além do setor de consumo.

A sociedade é múltipla em suas necessidades, como dito por Santos (2021), ela se organiza no espaço através de formas que atendam suas necessidades naquele período e posteriormente alterando as formas para novas funções em razão de novas necessidades, do novo período.

E além das alterações a longo prazo, um mesmo espaço sedia os diferentes sentidos e usos que coexistem ao mesmo tempo. A maneira de ver e pensar o espaço altera a cada cidadão em função do uso (CORRÊA, 2003). Ao mesmo tempo em que uma avenida significa local para consumo de bens, ela sede local de trabalho para muitos e para outros é apenas parte do trajeto.

Então, tal capítulo surge da necessidade de informações acerca da avenida para o uso destes dados em sala de aula. Logo, foram operacionalizados os conceitos de paisagem e região, a técnica fotográfica e, conseqüentemente sobre iconografia e iconologia, todas estas operando na busca do conhecimento sobre a “rua da frente”. Buscando também demonstrar em como um único eixo viário expressa todas estas informações através da paisagem.

2.1 A avenida através do tempo

O município de Paulo Afonso tem seu surgimento atrelado a construção da CHESF¹. A estatal se instalou no povoado Forquilha, distrito rural do município de Santo Antônio da Glória (atualmente o município de Glória). Providenciando logo a construção de sua cidade-companhia², o Acampamento Chesf, o qual forneceu moradia, estrutura, infraestrutura adequada e necessária para a habitação de seus funcionários, sendo o critério para habitar na cidade-companhia, os cargos que ocupavam, como engenheiros e técnicos (DE OLIVEIRA, 2017).

O que acarretou a segregação daqueles que já habitavam na região da Forquilha e os demais trabalhadores que migraram das regiões vizinhas na esperança de um emprego na Companhia. A região segregada³ por uma cerca, e posteriormente por um muro, ficou conhecida como Vila Poty⁴; a qual também ocupava a então conhecida avenida Getúlio Vargas (figura 1).

Figura 1 – Avenida Getúlio Vargas em seu início



Fonte: Blog João de Sousa Lima⁵

A figura 1 apresenta as primeiras residências do município de Paulo Afonso no lado da Vila Poty, também conhecida como cidade-livre (DE OLIVEIRA, 2017), na parte inferior é possível ver a cerca que separava do Acampamento Chesf.

¹ Companhia Hidrelétrica do São Francisco, sendo consultados trabalhos como Lima de Oliveira (2017), em sua dissertação de mestrado *A cidade de Paulo Afonso, 1948-1985: as espacializações do trabalho, do controle e das lutas*. E Lima (2017), no seu livro *Paulo Afonso e a Vila Poty: A história não contada*.

² Cidades-companhia, assim passou a ser nomeado o aglomerado urbano criado em função das indústrias, em específico, das usinas hidroelétricas, tal termo se tornou comum a partir da década de 1930 (DE BARROS CORREIA, 2001)

³ Na qual Corrêa (2001) explica que a segregação espacial é fruto da ruptura da sociedade capitalista, onde a classe dominante controla as terras e dita onde a classe dominada pode construir. Além da configuração espacial, existe a diferenciação na paisagem, como as diferentes condições de moradias.

⁴ Tal nome, relata LIMA (2017), se deu pela utilização dos sacos de cimento da marca na construção das casas improvisadas.

⁵ Acesso aos 02 de jun. de 2022: Disponível em: < <http://joaodesousalima.blogspot.com/2017/10/paulo-afonso-antigamente.html> >.

Havia entre as duas localidades, um perceptível contraste entre as condições educacionais, sanitárias e urbanísticas. Com uma forte e visível desigualdade social entre os que residiam dentro do muro e os que viviam fora dessa fortificação, situações completamente inversas, havendo dentro do muro assistências médicas e hospitalares, clubes e diversos tipos de jogos e entretenimentos, quadras poliesportivas, campo de futebol, cinemas, ruas projetadas e arborizadas, praças, casario com jardins e piscinas, água encanada, energia elétrica e várias atrações musicais para os fins de semana (LIMA, 2017, p. 45).

Logo, não há como falar do início do município e ignorar uma parte de sua história, daqueles que viveram na segregada Vila Poty em condições desumanas. Tais direitos básicos, como descreve Lima (2017), em sua obra, saneamento básico e energia elétrica, foram conquistados ao longo do tempo, sendo a então a avenida Getúlio Vargas palco dos movimentos populares na busca das condições básicas para a subsistência dos moradores da Vila Poty. Uma das conquistas foi acesso a feira livre na avenida durante a década de 1960, como demonstra a figura 2.

Figura 2 – Feira livre na av. Getúlio Vargas na década de 1960



Fonte: CDL Paulo Afonso⁶

O município foi se desenvolvendo a partir da avenida, em torno do núcleo que provia a reprodução social (o meio de subsistência). Dessa forma, as casas começaram a dar lugar ao comércio que se expandiu com o decorrer dos anos, principalmente depois da década de 1980 quando o muro que separava a cidade-companhia da Vila Poty fora derrubado (LIMA DE OLIVEIRA, 2017). Acarretando outra paisagem como é demonstrado na figura 3.

⁶ Acesso aos: 02 de jun. 2022. Disponível em: < <http://cdlpauloafonso.com.br/internas/galerias/album.php?id=5> >.

Figura 3 – Vista aérea da Av. Getúlio Vargas-Paulo Afonso/BA em 1980



Fonte: IBGE⁷

A cidade começou a depender mais da economia provida através do comércio crescente da cidade-livre (DE OLIVEIRA, 2017), já situado em meio a ruas ocupadas predominantemente por residências, as lojas e outros estabelecimentos de bens e serviços acabaram por ocupar a região central, envoltos por residências.

Dessa forma, permaneceu em razão do espaço produzido e das necessidades, em constante processo de reprodução socioespacial, voltada para desempenhar o centro de consumo de bens tidos por necessários para a população. Esse processo é explicado por Santos:

Ao fixar no solo ou seus objetos, frutos do trabalho social e vinculados às suas necessidades, um grupo possibilita que as atividades desempenhadas por estes alcancem um período mais ou menos longo, repetindo, reproduzindo as mesmas (2021, p.55).

Portanto, a próxima seção apresenta a atual estrutura da avenida. Elucidando a partir da noção de região comercial, as conexões viárias da avenida com as ruas e avenidas adjacentes.

⁷ Acesso aos: 02 jun. 2022. Disponível em: < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/paulo-afonso/historico> >.

2.2 A regionalidade presente na “rua da frente”

A partir da proposta para esta seção, para seu início é necessário trazer à luz o que vem a ser região, para assim, poder pensar a região comercial da cidade de Paulo Afonso, a qual a “rua da frente” integra.

Segundo Corrêa (1995), tal conceito tem recebido destaques desde o século XVII com Varenus e nos séculos XVIII e XIX, com Kant, Vidal de La Blache e Carl Ritter. Recebendo maior valorização no século XX com Hartshorn. Ainda de acordo com o autor, o motivo dos estudos através do método regional era garantir a Geografia um objeto próprio. Cada um desses quatro autores trabalhou de um ponto de vista diferente. La Blache partiu do possibilismo, logo, para ele existe a relação de influência do determinado espaço nas decisões sociais. Já para Hartshorn era a busca das características próprias das porções do espaço, a fim de determinar a regionalidade da dada porção.

Dessa forma, o método regional é a busca da diferenciação dos fragmentos do espaço separando dos demais por suas individualidades, assim pode ser caracterizado em síntese o conceito de Região. “O método regional focaliza assim o estudo de áreas, erigindo não uma relação casual ou a paisagem regional, mas a sua diferenciação de *per se* como objeto da geografia” (CORRÊA, 1995, p.14).

Para Lencioni (2009), região representa mediação entre extremos, como a própria diz em sua obra, entre o universal e o singular. Partindo de uma totalidade inerente a toda face da Terra, com a intenção de produzir interpretações a partir dos sentidos.

A diferenciação regional ocorre por características próprias, sejam de natureza física (vegetação, temperatura e outros), como de natureza humana (cultura, economia e outros). Na explicação de (CORRÊA, 1995, p. 45) “A região pode ser vista como um resultado da lei do desenvolvimento desigual e combinado, caracterizada pela sua inserção na divisão nacional e internacional do trabalho e pela associação de relações distintas”. Onde a desigualdade é justamente o processo de regionalização, ou seja, apontamento das características que diferem aquele fragmento espacial dos demais ao seu redor. E a combinação, é a regionalidade, as características em comum dos componentes daquela região. Assim:

[...] pode-se dizer que a região é considerada uma entidade concreta, resultado de múltiplas determinações, ou seja, da efetivação dos mecanismos de regionalização sobre um quadro territorial já previamente ocupado, caracterizado por uma natureza já transformada, heranças culturais e materiais determina estrutura social e seus conflitos. (CORRÊA, 1995, p.46).

Portanto, a região é resultado da combinação dos fatores desiguais e iguais, provenientes dos mais diversos aspectos, no caso da região comercial da cidade, são aspectos sociais que prevalecem. A cultura aliada a economia e a política, consolidaram através do constante processo de reprodução espacial, uma região que provem bens e serviços.

2.2.1 A região comercial

A proposta nesta seção é apresentar a avenida Getúlio Vargas enquanto parte da região comercial na qual encontra-se inserida. Através dos aspectos físicos, sendo o principal, as vias de acesso. A “rua da frente” encontra-se envolta de outras ruas e avenidas que possuem lojas e outros estabelecimentos de bens e serviços, desde lojas de calçados, até clínicas odontológicas.

Figura 4 – Imagem de satélite demarcando a av. Getúlio Vargas, a região comercial da cidade e as vias de acesso



Autor: Própria autoria, 2023.

Para se ter uma melhor visualização da posição da avenida, a figura 4 acima, traz uma visualização da região comercial onde a “rua da frente” está inserida. No que tange os aspectos concretos acerca da avenida Getúlio Vargas (representada por duas linhas brancas, uma superior e outra inferior), é formada por duas vias, a principal (na parte inferior), contando com uma extensão de 1.350m desde a esquina com a rua Otaviano Leandro de Moraes (linha amarela), até seu final próximo ao dique da PA IV, com conexão com as ruas: Monsenhor Magalhães (linha laranja); Amâncio Pereira (linha preta); 31 de março (linha roxa) e Padre João Evangelista (linha ciano). E com a avenida Apolônio Sales (linha verde a esquerda da figura)

A 2ª via (na parte superior) conta com uma extensão de 1.065m, desde a saída para a rua da Rosa (linha rosa), até próximo do dique da PA IV. Estabelecendo conexão também com a rua da Harmonia (linha verde no canto superior da figura).

A avenida encontra-se interligada pelas principais vias da cidade, sendo a rua São Francisco (representada pela linha vermelha) e a avenida Landulfo Alves as únicas que não possuem conexão direta com a avenida Getúlio Vargas.

Figura 5 – Início da rua Amâncio Pereira através da av. Getúlio Vargas



Autor: Acervo pessoal, 2023.

Figura 6 – Início da rua São Francisco



Autor: Acervo pessoal, (2023).

Figura 7 – Final da Rua 31 de Março



Autor: Acervo pessoal, (2023).

Figura 8 – Início da rua Monsenhor Magalhães



Autor: Acervo pessoal, (2023).

Figura 9 – Rua Otaviano Leandro de Moraes



Autor: Acervo pessoal, (2023).

Figura 10 – Av. Landulfo Alves



Autor: Acervo pessoal, (2023).

As figuras acima, da 5 a 10 estão inseridas no propósito de melhor entendimento do que está sendo demonstrado desde a figura 4, a partir da visualização da paisagem de cada rua e avenida que compõe a região comercial.

Nota-se que cada uma delas, estando próxima da “rua da frente”, apresentam características semelhantes em sua paisagem através das formas comerciais. É visualizado: óticas; bancos; pousadas; lojas de calçados e de confecções; clínicas; entre outros. Não seria no plural?

Dessa forma, avenida compõe uma região que pode ser pensada através da Teoria do Lugar central. Devida a sua importância econômica através da grande concentração de formas que desempenham funções centrais para a cidade, ofertando bens e serviços (BREITBACH, 1986). Em razão da concentração residencial a sua volta e as redes que compõem e facilitam o acesso as ruas e a avenida Getúlio Vargas.

O que se percebe é uma grande expressão do urbano através do que é encontrado na “rua da frente”, pois, tanto comércio, como residências, além do local de trabalho que ao mesmo tempo é o local de consumo. Acerca disso:

[...] o espaço urbano é simultaneamente fragmentado e articulado: cada uma de suas partes mantém relações espaciais com as demais, ainda que de intensidade muito variável. Estas relações manifestam-se empiricamente através de fluxos de veículos e de pessoas associados às operações de carga e descarga de mercadorias, aos

deslocamentos quotidianos entre as áreas residenciais e os diversos locais de trabalho, aos deslocamentos menos frequentes para compras no centro da cidade ou nas lojas do bairro [...] (CORRÊA, 2003, p.7).

Diferenciadas das demais ruas vizinhas que desempenham a função principal de serem residenciais ao longo de suas extensões. A “rua da frente” é um dos eixos viários da região comercial que expressa regionalidade, ou seja, características através das formas voltadas para o consumo de bens. Assim, a proposta da próxima seção é a de como tal regionalidade encontra-se disposta na paisagem.

2.3 Para além do visível

A paisagem e a fotografia encontram-se quando ambas vão além do visível. Uma mera descrição do que é observado não compete ao que realmente está acontecendo na paisagem e naquele momento registrado na fotografia. Dessa forma, esta seção secundária traz à luz, primeiramente, uma abordagem conceitual acerca de paisagem e da fotografia, posteriormente a análise dos registros fotográficos das paisagens da “rua da frente”.

2.3.1 Paisagem: o material e o simbólico

O que vem a ser paisagem? Tal palavra adquire diversos significados a partir da esfera na qual ela se encontra, seja dentro do senso comum, em um dicionário, assim como em outras ciências. Até mesmo enquanto conceito da ciência geográfica ela passou, e passa, por diferentes conceituações, como é descrito:

No Ocidente, o primeiro termo para designar paisagem foi a palavra alemã *landschaft*. Este termo existe desde a Idade Média, para designar uma região de dimensões médias, em cujo território desenvolveu-se pequena unidade de ocupação humana (MAXIMIANO, 2004, p.85).

Ainda segundo o autor, foi na Alemanha que se deu início ao processo de delimitação conceitual dos estudos a partir da paisagem com a emblemática e histórica palavra *Landschaft* para nomear a fração de espaço apreendida através dos sentidos. Contando com os estudos de Alexander Von Humboldt (1769-1859), no século XVIII e Friedrich Ratzel (1844-1904), no século XIX. Desenvolvia-se, assim, os primeiros passos para a delimitação do entendimento do visível.

Em sua gênese, o entendimento de paisagem, *Landschaft*, estava ligado ao meio natural visível. Se referenciava a uma parcela do espaço com elementos que constituíam identidade unitária para aquilo que se observava no horizonte (SALGUEIRO, 2001).

A noção se dava a partir da observação de quais elementos davam forma a unidade de elementos observada. Conforme Maximiano (2004), muito disso é percebido no trabalho de Humboldt *Quadros da Natureza*, onde é relatado o que foi visto na América (Novo Mundo), onde ele traz descrições estéticas dos elementos naturais apreendidos pela visão. Na análise do autor, os estudos da paisagem de Humboldt partiam da observação da vegetação para a caracterização e comparação do espaço.

De maneira muito breve, a partir do que o autor discorre, o estudado a partir do visível, como por Humboldt, se tratava da descrição da fisionomia percebida. Apenas os aspectos físicos descritos. Para Fiedrich Ratzel não foi diferente, como é descrito:

Em fins do século XIX, Ratzel influenciou o conhecimento das paisagens, com sua linha de pensamento sobre as relações causais existentes na natureza. Na virada do século, suas ideias foram assimiladas pela *Landschaftskunde*, uma ciência das paisagens, considerada sob ótica territorial, ou seja, uma expressão espacial das estruturas da natureza, organizadas por leis cientificamente observáveis (MAXIMIANO, 2004, p. 86).

De tal modo, o meio natural recebia sua atenção e era o que continuava a representar o pensamento acerca da paisagem. A delimitação e escala utilizadas tanto em seus estudos, assim como foram os de Humboldt, se dava através do território.

Dessa forma, as primeiras definições de paisagem enquanto conceito de estudo na Geografia positivista resumia a uma mera descrição do visível; assim como acontecia com o registro feito pelas pinturas: “Na metade do século XIX, estudos de vegetação para análise da paisagem trabalhavam com tipologias de unidades de vegetação e eram retomadas em uma tipologia maior de unidades paisagísticas” (MAXIMIANO, 2004, p.86).

Foi durante o século XX que a paisagem começou a tomar a forma conhecida atualmente. Deixando os traços clássicos de uma mera descrição do natural, a paisagem começa a abordar as ações antrópicas, a considerar as intervenções humanas realizadas. A preocupação dos geógrafos da época era a consolidação da Geografia enquanto disciplina científica, logo, conceberam a paisagem enquanto conceito integrador entre a Geografia Física e Humana, o que evitaria instabilidade e possível ruptura na ciência geográfica (SALGUEIRO, 2001).

Atualmente o conceito geográfico paisagem, em síntese, representa a porção perceptível de um determinado espaço geográfico, onde o que é capturado através dos sentidos, seja através

dos cheiros, sons e claro, o que é apreendido através da visão; se configura como paisagem dentro da Geografia (SANTOS, 2021).

A paisagem também é composta por um conjunto dinâmico da materialização das relações sociais que permeia, constrói e dá significado com a seus valores culturais, assim como influencia as *práxis* sociais cotidianas.

As transformações constantes de cunho político e econômico, conseqüentemente cultural, vão moldando o significado de paisagem ao passar do tempo. O visível é, portanto, o ponto de partida, a paisagem possui significados que são atribuídos pela sociedade ao longo do processo de construção e de uso. Logo, todas essas camadas que se encontram na paisagem devem ser pensadas, uma vez que:

A percepção é sempre um processo seletivo de apreensão. Se a realidade é apenas uma, cada pessoa a vê de forma diferenciada; desse modo, a visão – pelo homem – das coisas materiais é sempre deformada. Nossa tarefa é a de ultrapassar a paisagem como aspecto para chegar ao seu significado. A percepção não é ainda o conhecimento, que depende de sua interpretação, e esta será tanto mais válida quanto mais limitarmos o risco de tomar por verdadeiro o que é só aparência (SANTOS, 2021, p. 68).

Não somente descrever o que é visto, mas procurar trabalhar a relação dos significados, do campo subjetivo, com o material. Buscar entender que para além do que se aparenta, uma mesma paisagem carrega outros significados que coexistente naquele mesmo espaço, ao mesmo tempo.

Sendo produto social e este estando em constante movimento, a paisagem acaba por apresentar a mesma dinâmica em razão da sociedade. É um produto histórico em razão dos processos sociais ao longo do tempo, e espacial, portanto, logo possui uma dimensão simbólica (CORRÊA & ROSENDHAL, 1998).

Portanto, o que deve ser descrito das paisagens da avenida Getúlio Vargas é a sua forma material, buscando apresentar os seus sentidos. Através, então, da técnica fotográfica. Ferramenta essa trabalhada na seção seguinte.

2.3.2 Iconografia e iconologia: o estudo através das fotografias

A fotografia, ferramenta tão bem difundida na atual sociedade, é responsável pelo registro de momentos, congelando de maneira bidimensional a realidade capturada. Ela é utilizada como técnica para pesquisas, como neste presente trabalho. Dessa forma, questões como a credibilidade e o tratamento das fotografias serão apontadas no decorrer desta seção.

O registro fotográfico abstrai de maneira fidedigna, precisa, a realidade, em razão disso, o que é registrado pode ser transformado em dado para posteriores análises de pesquisa (COOLIER, 1973). Não mais se tem apenas, a exemplo, a foto de um estabelecimento, de uma rua. Estes se transformam em elementos de estudo, os quais encontram-se na realidade fora da representação proporcionada pela fotografia inseridos em um dado contexto social, espacial e temporal.

O cuidado com as fotografias enquanto dados surge nesse ponto, manter em mente que, elas são fragmento de um momento que na realidade encontrasse em constante movimento. A fotografia não deixa de ter sua credibilidade, entretanto, precisa ser utilizada da maneira correta, portanto “[...] é um recorte do real. Primeiramente, um corte no fluxo do tempo real, o congelamento de um instante separado da sucessão dos acontecimentos” (MONTEIRO, 2006, p. 2).

Registros fotográfico não representa o todo, não transmite e muito menos informa os contextos e significados por trás do seu conteúdo. A técnica fotográfica é o início, uma ferramenta de auxílio para captura e demonstração do que está sendo estudado.

Portanto, deve-se manter em mente que a realidade registrada através das fotografias são meras representações bidimensionais da paisagem, um centésimo de segundo capturado de uma fração da história do visível de um dado espaço dinâmico, um fragmento selecionado congelado para sempre naquele instante (KOSSOY, 2012).

Representação e realidade não são distantes um do outro, contudo, representar não captura o todo, é preciso esforço de análise e interpretação para não subjugar a realidade. A partir do registro “A imagem fotográfica fornece sempre informações acerca do objeto fotografado, sejam elas relativas a determinado assunto que ocorre na realidade visível, material [...]” (KOSSOY, 2012, p.54).

Dessa forma, “A máquina fotográfica não se apresenta com um remédio para as nossas limitações visuais, mas como um auxiliar para nossa percepção. Somente a sensibilidade humana pode abrir os ‘olhos’ da câmera de forma significativa” (COLLIER, 1973, p.1). A fotografia, portanto, é técnica a ser trabalhada, e, a partir dela, obter as informações. Entretanto, com toda a sensibilidade para se perceber o concreto e o simbólico ali registrado. As limitações devem ser superadas através de um devido conhecimento breve do tema representado pelos registros.

Como ferramenta, a imagem fotográfica assim deve ser tratada, auxílio para elaboração de análise da realidade em questão, portadora de contexto espaço-temporal. Tratando-se de uma pesquisa, deve ser realizado o esforço de trazer à luz a descrição dos detalhes materiais e

subjetivos; em razão das limitações as quais a paisagem sofre em um registro fotográfico. Evidenciar a realidade dinâmica da paisagem que está sendo analisada.

Assim, cabe introduzir, então, os dois métodos de análise presentes nos estudos através de fotografias. A análise iconográfica e a análise iconológica. Ambas são necessárias, não se realiza estudo apenas com uma e não se obtém sentido somente levando em consideração uma dessas duas.

A iconografia, termo teórico-metodológico apresentado por Kossoy (2012), e como descrito acima, refere-se à descrição da parte materializada presente na imagem. Lembrando que, somente o autor da fotografia, sendo ele o pesquisador ou não, conhece na realidade a paisagem registrada.

Deve-se ser feito o trabalho descritivo da estrutura material presente na fotografia, para que assim seja construída uma base, ponto de partida para a busca dos sentidos por trás. E isto proporciona aos leitores da pesquisa realizada, contextualização da área estudada.

O segundo método, proposto pelo mesmo autor, é o iconológico. “Busca-se, pela interpretação iconológica, decifrar a realidade interior da representação fotográfica, sua face oculta, seu significado, sua primeira realidade, além da verdade iconográfica” (p. 60). Buscando romper o superficial, a procura dos sentidos atrelados ao que está sendo observado na fotografia.

É através da iconologia que os sentidos e significados culturais, sociais, espacial e temporal vem a ser apresentado e buscados para a efetivação do entendimento do estudo. Rompe-se a descrição iconográfica e aprofunda-se nos elementos constituintes da unidade analisada que está representada na fotografia.

Através da iconografia, a exemplo, pode-se observar uma loja com fachada simples, localizada na esquina entre a rua que é o principal acesso à avenida que complementa o cruzamento frente ao estabelecimento. Porém, através da iconologia descobre-se que ela possui camadas adquiridas através dos processos temporais em razão da mesma ser um dos primeiros estabelecimentos da cidade. Que representa um *lugar* com significados próprios para os cidadãos do município e a importância que ela tem para a economia, não somente local, como a possibilidade de influência para as cidades circunvizinhas, atingindo importância regional. E no mais, a rua onde ela se encontra pode ser um dos principais trechos da cidade, o que a valoriza ainda mais, em razão da mobilidade urbana e sua localização centralizada na lógica urbana.

Logo, a partir do conhecimento da dinâmica constante das paisagens, aliado à de que maneira os registros fotográficos devem ser pensados enquanto dados, fontes para pesquisa,

tratando o que foi capturado considerando a realidade ali disposta, é possível pensar as paisagens encontradas na “rua da frente”.

2.4 O material e o simbólico da “rua da frente”

Com a devida conceituação do que vem a ser paisagem geográfica – sua dinâmica e interpretação – aliada ao auxílio da técnica fotográfica, levando em consideração tudo que foi trabalhado anteriormente, como a iconografia e a iconologia. A presente seção buscou apresentar fotografias das paisagens da “rua da frente”, e então, trabalhar seus diferentes sentidos.

As figuras a seguir apresentam fachadas das lojas que são a expressão maior de seu sentido e do que se encontra na avenida. Além da movimentação social no entorno das lojas.

Figura 11 – Calçadão da av. Getúlio Vargas



Autor: Acervo pessoal, (2023).

Figura 12 – Calçada da av. Getúlio Vargas



Autor: Acervo pessoal, (2023).

Figura 13 – Calçada da av. Getúlio Vargas



Autor: Acervo pessoal, (2023).

Como é apresentando nas figuras 11, 12 e 13, a avenida Getúlio Vargas em seu campo material, apresenta a devida regionalidade comercial através de suas formas. Os

estabelecimentos como as lojas de calçados, confecções, papelarias, óticas e tantas outras desempenhando funções voltadas para o setor do consumo, bem como farmácias, clínicas, hotelaria e agência de turismo. Além do perceptível fluxo de pessoas, seja pelas calçadas, ou por automóveis que preenchem a avenida em constante movimento durante o dia.

Refletindo a partir do que fala Santos (2021), é necessário a realização de um esforço para romper o visível e buscar o que todas essas formas apresentam no campo simbólico, como é vista por pontos de vistas diferentes. Partindo, então, da iconografia para a iconologia.

Para aqueles que buscam os produtos e mercadorias das quais precisam, a avenida por meio de suas formas, representa o local de consumo. Para a prefeitura representa crescimento dos setores da economia e do turismo. Para aqueles que trabalham em algum dos estabelecimentos da “rua da frente”, representa local do provimento da fonte de renda, da subsistência.

Ainda conforme Santos (2021), uma paisagem vai sobrepondo outra, fazendo a soma de diferentes períodos. A renovação das formas não ocorre de maneira total, é gradual. A figura a seguir, logo, traz um exemplo dos diferentes períodos presentes na paisagem através das formas.

Figura 14 – Laterais dos prédios na av. Getúlio Vargas



Autor: Acervo pessoal, (2023).

Se nos atermos a somente admirar aquilo que predomina na paisagem, cometeremos um grande equívoco. Como diz o autor Collier (1973), deve-se superar as limitações, buscando ir além do que domina o visível.

Dessa forma, a figura 14 traz as laterais dos prédios com marcas do tempo, a tinta escurecida e gasta por fatores como sol e chuva. Enquanto outros prédios são recentes, alguns evidenciam os diferentes tempos presentes na avenida. O prédio da esquina, logo, demonstra que já foi utilizado em outro tempo como sede de outro estabelecimento e encontra sem uso.

De acordo com Santos (2021), a mudança das formas vai além do período técnico, do que possuíam para a construção, há outros fatores como a cultura, economia e política de cada período. Como também pode ser observado na figura 15 (logo abaixo), nem todas as formas possuem o mesmo tempo e muito menos são semelhantes quanto o aspecto visual em sentido de diferentes arquiteturas de cada época.

Figura 15 – Laterais dos prédios na av. Getúlio Vargas



Autor: Acervo pessoal, (2023).

Retornando aos aspectos materiais, a uma análise iconográfica, e pensando através das figuras 16, 17 e 18 (logo abaixo), é perceptível formas que não representam formas voltadas para o aspecto regional comercial. Acima de muitos estabelecimentos e até em prédio próprio, coexistem residências em meio ao comércio. O que acarreta um outro sentido para a avenida, o de local de moradia. Para Corrêa (2003), isso ocorre pelos diferentes usos no meio urbano em razão da sociedade e suas necessidades.

Figura 16 – Prédios residências e comerciais na av. Getúlio Vargas



Autor: Acervo pessoal, (2023).

Figura 17 – Prédios residências e comerciais na av. Getúlio Vargas



Autor: Acervo pessoal, (2023).

Figura 18 – Prédios residências e comerciais na av. Getúlio Vargas



Autor: Acervo pessoal, (2023).

As próximas figuras trazem outro sentido e uso da avenida, o qual não se encontra atrelado aos prédios, mas sim diretamente a avenida. Trata-se do tráfego de automóveis pelo eixo viário.

Figura 19 – Transporte coletivo em parada na avenida Getúlio Vargas



Autor: Acervo pessoal, (2023).

Figura 20 – Transporte coletivo na avenida Getúlio Vargas



Autor: Acervo pessoal, (2023).

As figuras 19 e 20, representando através do transporte coletivo, o nível de importância da avenida quanto a redes. Como dito em seção anterior, a avenida é interligada a avenida Apolônio Sales e a rua Otaviano Leandro de Moraes e as demais vias interligadas a avenida. São algumas das rotas possíveis para ir a avenida e através.

Além do trajeto feito por automóveis e o fluxo de pedestres, das lojas e centros de serviços, nas proximidades da avenida encontram-se escolas e igrejas, dessa forma, a avenida também é utilizada enquanto trajeto.

Outro ponto que a figura 20 apresenta é o simbólico quanto a crença também presente na avenida através do templo religioso evidenciado na fotografia, a Igreja de Nossa Senhora de Fátima.

Os diferentes sentidos da avenida não se limitam aos múltiplos usos durante o dia. Tal eixo viário recebe novo significado durante a noite, principalmente durante os dias de final de semana, o uso para o lazer. É o que Santos (2021), denomina de movimento funcional.

Figura 21 – Av. Getúlio Vargas durante a noite



Autor: Acervo pessoal, (2023).

Figura 22 – Av. Getúlio Vargas durante a noite



Autor: Acervo pessoal, (2023).

As figuras 21 e 22 apresentam a avenida durante a noite, lojas fechadas, poucos automóveis estacionados ou em movimento no eixo viário e quase nenhum pedestre no calçadão. Apenas farmácias abertas.

No decorrer dos anos, acabou por desenvolver espaço de lazer, e em meio as lojas foram construídas formas como bares e lanchonetes, se tornando uma das principais rotas para aqueles que buscam uma programação durante a noite com os amigos e família. Como é demonstrado entre uma comparação das figuras 23 e 24 a seguir:

Figura 23 – Praça na av. Getúlio Vargas de dia



Autor: Acervo pessoal, (2023).

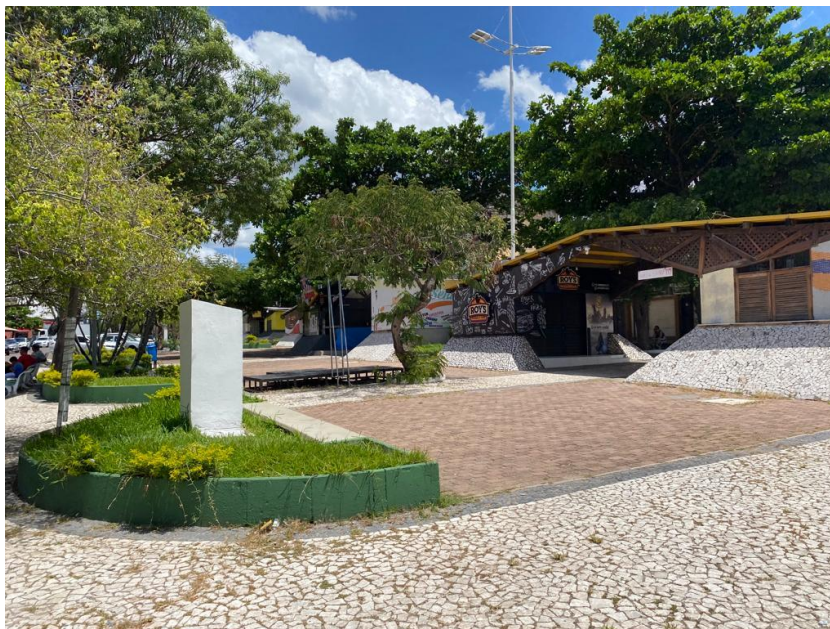
Figura 24 – Praça na av. Getúlio Vargas durante a noite



Autor: Acervo pessoal, (2023).

As figuras 23 e 24 apresentam a mesma praça na avenida, no mesmo dia, porém, em diferentes horários. Os registros representam diferentes paisagens em decorrência dos diferentes usos do mesmo espaço.

Figura 25 – Calçadão durante o dia



Autor: Acervo pessoal, (2023).

Figura 26 – Calçadão durante a noite



Autor: Acervo pessoal, (2023).

Tais eventos e estabelecimentos voltados para o lazer, encontram-se dispostos nas várias praças que compõem a avenida, localizadas entre suas duas vias. O que era rota para os calçadões e para as lojas, se torna local de lazer e diversão, como também pode ser demonstrado por um comparativo semelhante entre as figuras 25 e 26 acima.

A avenida Getúlio Vargas, localizada em meio a uma região central, de grande importância para a economia e turismo do município em razão da sua grande concentração de lojas e outros estabelecimentos do setor de consumo, quando visualizada por sua totalidade demonstra outros sentidos e a multiplicidade de usos e processos coexistentes no mesmo espaço.

Além do sentido comercial, a avenida ganha novo atributo, a de local de lazer para a população. As transformações no urbano parte da realidade social a partir das dimensões da economia, cultura e política. Logo, as necessidades aparecem e as formas se adaptam, outras ainda não existentes são construídas, ou novas funções são atribuídas a velhas formas.

Portanto, em decorrência dessas características analisadas, o urbano apresenta-se de maneira próxima. Há possibilidade de se pensar as cidades/urbano no interior, na região do sertão, para além do distante das grandes metrópoles. O ensino de teorias e conceitos se tornam próximos dos/as estudantes do município, pois tal avenida faz parte da vivência diária. Assim, o próximo capítulo aborda a conceituação de Geografia escolar, o objetivo do ensino de Geografia na educação básica, trabalhando o urbano enquanto temática e em como a fotografia pode ser utilizada enquanto método didático.

3 PESQUISA, FOTOGRAFIA E A GEOGRAFIA ESCOLAR

O processo de ensino-aprendizagem transcorre através de várias camadas, principalmente na relação entre o conhecimento popular dos estudantes e o conhecimento científico. Além do contexto político-social, o método adotado pelos docentes, bem como as finalidades da educação básica.

A Geografia escolar tem como objetivo a de proporcionar aos estudantes ferramentas intelectuais que possibilitem a leitura das relações sociais a partir das espacialidades, realizar a leitura do mundo. Partindo dos conhecimentos prévios dos/as estudantes, das vivências, aliado aos saberes científicos e assim, construindo o pensamento crítico nos estudantes no modo de ver o dia a dia, formando a cidadania (CAVALCANTI, 2016).

Entendendo a diferença entre ensino, o qual tem como propósito a de desenvolver atividades que possibilitem os/as estudantes a se apropriarem das diversas áreas do conhecimento científico e na educação, levar estes conhecimentos para o seu cotidiano (MORAN; MASSETO; BEHRENS, 2000). Assim, buscar através da pesquisa e da fotografia enquanto recursos, um ensino de Geografia que possibilite aos estudantes a enxergarem a própria cidade e tantas outras de maneira crítica.

Buscar um ensino que não se limita a conhecimentos que permaneçam apenas dentro da sala de aula, mas que estejam com os/as estudantes em suas vivências diárias com o espaço, porquanto: “Aprendemos quando relacionamos, estabelecemos vínculos, laços, entre o que estava solto, caótico, disperso, integrando-o em um novo contexto, dando-lhe significado, encontrando um novo sentido” (MORAN; MASSETO; BEHRENS, 2000, p. 23).

Na realização desse processo encontram-se os métodos didáticos adotados pelos docentes para efetivação do ensino e da aprendizagem, intermediação para que a compreensão dos conteúdos trabalhados em sala seja realizada (LIBÂNEO, 1990).

Com o objetivo de intermédio entre o capítulo anterior, que promoveu informações acerca da cidade, informações possíveis de serem trabalhadas em sala, e com o capítulo posterior a este, o qual traz a construção e aplicação do recurso didático a partir do uso da pesquisa geográfica em sala de aula, neste capítulo é trabalhado a construção dos saberes geográficos escolares a partir do uso de recursos didáticos e a importância da própria cidade para o ensino. Portanto, o presente capítulo encontra-se estruturado em seções sobre a Geografia Escolar, a cidade enquanto tema e o uso das fotografias enquanto método mediador do processo de ensino-aprendizagem.

3.1 Geografia escolar e a cidade enquanto tema

Estudantes vivenciam o espaço cotidianamente, seja na rua onde residem, no bairro, a caminho da escola ou em momentos de lazer. As relações sociais desses estudantes sempre ocorrem em determinado espaço, mesmo que eles assim não reflitam sobre. A partir dessas experiências pessoais e trocas com outras pessoas, os/as estudantes desenvolvem suas próprias ideias, articulando os conhecimentos geográficos mesmo que de maneira inconsciente (CAVALCANTI, 2016).

A Geografia escolar, logo, forma-se a partir desse conhecimento prévio de seus estudantes e a partir das experiências espacializadas de cada um, somada pelo papel de intermédio dos professores e professoras com os saberes científicos.

O papel docente é o de intervir no pensamento das espacialidades cotidiano dos/as estudantes através dos conhecimentos da Geografia enquanto ciência. Essa articulação em conjunto entre o conhecimento prévia e cotidiano dos/as estudantes e conhecimento científico por parte do docente de Geografia, acarreta o desenvolvimento de habilidades e capacidades intelectuais que possibilitam a compreensão espacial (CAVALCANTI, 2016).

O profissional docente deve possibilitar aos estudantes as capacidades intelectuais para pensarem a respeito de sua rua, de seu bairro, cidade, país e o mundo. Fazer com que eles entendam que o espaço tem significados para além de aparências físicas observadas nas formas. Deve-se instruir aos estudantes a pensar o espaço além de sua estrutura, como dialogado por Carlos et. al. (2015), sair do espaço tão somente das formas e buscar o campo subjetivos, dos sentidos, do espaço. Os professores e professoras devem buscar cada vez mais um ensino dinâmico, onde os estudantes possam pensar o espaço e não somente conhecê-lo (CASTELLAR & VILHENA, 2010).

O objetivo central da Geografia escolar é o de proporcionar leituras dos espaços, nas diferentes escalas (lugar e global) e dimensões (simbólica e material), de maneira crítica. Tal ocorre através da apresentação em sala das teorias e dos métodos da ciência geográfica:

Desse modo, o aluno poderá adquirir ferramentas intelectuais que lhe permitam compreender a realidade espacial que o cerca na sua complexidade, na sua multiescalaridade, nas suas contradições, por meio da análise de sua forma/ conteúdo, de sua historicidade (CAVALCANTI, 2016, p. 56).

Portanto, os/as estudantes podem ir além de meramente julgar as paisagens observadas de maneira breve e da rasa descrição material. A Geografia escolar possibilita a capacidade de pensar e compreender a realidade transmitida através da paisagem observada.

Através da Geografia busca-se a interpretação do espaço em suas diferentes dimensões, uma vez que, “[...] a geografia enquanto ciência e disciplina tem a missão de interpretar e explicar o mundo tal como ele é, a partir dos problemas e questões socioespaciais tal como decorrem [...]” (PINTO & CARNEIRO, 2019, p. 7). Ou seja, os desdobramentos das espacialidades.

Assim, professores e professoras de Geografia devem trabalhar em conjunto com seus estudantes para a formação dos saberes geográficos que possibilitem explicar as experiências individuais de cada um com os lugares vivenciados, a realidade espacial de maneira geral em diferentes escalas (PINTO & CARNEIRO, 2019).

É primordial que tais saberes escolares não sejam meramente conteúdo a serem lembrados, tão somente decorados em sala com finalidades avaliativas. Tais conhecimentos acerca da cidade fazem parte do processo de construção da noção de cidadania. Então, um dos objetivos do ensino da cidade é trazer aos estudantes seus direitos e deveres enquanto cidadãos, para que eles possam pensar as próprias experiências com o referido espaço urbano no qual convivem (CARLOS et. al., 2015).

A cidade se faz presente de diferentes maneiras, seja para aqueles estudantes que moram no perímetro urbano, ou para aqueles que se deslocam até o urbano para irem à escola, ou outras finalidades como acesso aos bens e serviços.

A partir da cidade podem ser desenvolvidos diversos conhecimentos e habilidades, providos de diversos temas, como: paisagem urbana, segregação espacial e urbanização (CAVALCANTI, 2016). Na cidade se encontra de maneira vivida aquilo que é ensinado através do livro didático de maneira tão distante.

Além das questões de confronto com a realidade vivida de cada um, em como a cidade encontra-se disposta para os indivíduos, o local de habitação, acesso aos bens e serviços, seja lazer, saúde, trabalho e educação (CAVALCANTI, 2016). Levar os/as estudantes a refletirem *onde* e *como* estão em relação ao urbano do município, em sentido de que a cidade é primordial para a sociedade, – como foi visto no capítulo anterior através da “rua da frente” e toda a região comercial –, ou seja, proporcionar aos estudantes pensarem acerca do direito de acesso à cidade.

É necessário proporcionar, de maneira dialógica, as ferramentas para intervenção das espacialidades, porquanto: “Trata-se de processos de construção de instrumentos simbólicos

que ajudam na relação do sujeito com o mundo, operando mediações entre as representações cotidianas desse sujeito e a realidade objetiva” (CAVALCANTI, p. 58, 2016).

Por isso, professores e professoras devem manter em mente que não estão somente avaliando estudantes a partir da aplicação de conteúdos programados, estão trabalhando com cidadãos em formação. O trabalho do docente de Geografia é auxiliar nessa formação de maneira crítica a partir da realidade para a construção de conhecimentos com base na ciência.

3.1.1 A cidade educadora

A cidade, para a Geografia, não deve ser pensada apenas como um mero conteúdo a ser ministrado em sala, mas como parte integrante da realidade cotidiana dos/as estudantes moradores da zona urbana, e parte integrante das relações espaciais estabelecidas pelos/as estudantes/as residentes na zona rural, e logo precisam ser pensados considerando a construção dos saberes escolares e geográficos na formação cidadã. Ainda que o foco e *locus* desta pesquisa seja estudantes da zona urbana.

Assim, é necessário pensar em um dos conceitos pertinentes quando se trata do urbano em sala de aula na educação básica, a Cidade Educadora⁸. Como elucida da Silva (2021), o conceito propõe romper com o ensino confinado as quatro paredes da sala de aula e buscar na cidade todas as informações e conhecimentos que ela proporciona.

Ainda de acordo com da Silva (2021), o objetivo é a formação da cidadania dos habitantes da cidade. Ciente dos direitos e deveres enquanto cidadãos e crítico frente a democracia cultural e as demais questões pertinentes a cidade. Todas estas desenvolvidas a partir da sala de aula.

Tais questões vão ser trabalhadas a partir do próprio cotidiano, da cidade como um todo. Independentemente do tamanho do tecido urbano, a cidade contém elementos suficientes para a educação, rompendo com o ensino tradicional (GADOTTI; PADILHA; CABEZUDO, 2004).

A cidade educadora não termina em si, ela tem como objetivo partir do local para o global. Através das características que aquela cidade possui, entender outras cidades vizinhas, do mesmo país ou de outro continente; sejam características divergente, ou convergentes.

Busca romper com o ensino tradicional da Geografia Escolar, trabalhando o pensamento crítico dos estudantes diante da realidade de cada, capacitando com as devidas habilidades.

⁸ Conceito consolidado na década de 1990 durante o I Congresso Internacional das Cidades Educadoras, em Barcelona, na Espanha. O intuito era o desenvolvimento de projetos relacionados a qualidade de vida dos habitantes através de maior participação no planejamento da própria cidade, com base na Carta das Cidades Educadoras. (DA SILVA, 2021)

Pensar a cidade através dos conhecimentos geográficos possibilita aos estudantes, habitantes do referido espaço urbano, saberes indispensáveis no que se trata dos direitos e deveres enquanto cidadãos (CAVALCANTI, 2016). Ou seja, conscientizando-os do verdadeiro sentido de cidadania, que conforme análise de Silva (2021), foi resumido em mero direito à moradia pelo liberalismo.

Todavia, é direito do cidadão ser consciente de questões como o direito à cidade⁹, questionar o local de moradia, segregação entre outras questões presentes no contraditório espaço urbano. Para isso, o ensino da cidade deve levar os estudantes a pensar a partir da própria cidade e consequentemente se tornarem cidadãos críticos. Pensar em paisagem, espaço, território, lugar e região de maneira crítica, desde o lugar do cotidiano até outros do planeta.

3.1.2 Universidade e escola

Para a efetivação da cidade enquanto tema em sala de aula na educação básica é preciso que o/a professor/a esteja a par do conhecimento geográfico, tal como da realidade urbana dos estudantes; o/a professor/a também precisa estabelecer espaço para dialogar com o conhecimento do cotidiano de seus alunos e alunas.

Cabe ao professor/a estabelecer uma mediação entre os conhecimentos que possuem e o dos/as estudantes. Dar-se a esse processo o nome de mediação didática, o processo de construção dos saberes escolares através dos conhecimentos individuais dos/as estudantes com base na observação do seu cotidiano, em sala através do trabalho docente, relaciona estes aos conhecimentos científicos (BENTO, 2013).

Além do conhecimento do cotidiano dos/as estudantes, o/a professor/a precisa portar o conhecimento científico, o qual vai ser a base para o processo da mediação didática, bem como para a construção e efetivação dos saberes geográficos na escola. Porquanto, os “Aspectos da investigação geográfica são importantes na composição dos saberes docentes e necessários, portanto, para compor a geografia urbana escolar” (CAVALCANTI, 2016, p. 208).

Professores e professoras da educação básica, logo, desempenham a função de mediar os conhecimentos científicos para os seus estudantes, garantindo a compreensão dos assuntos correlacionados com o conhecimento acadêmico e do dia a dia dos/as estudantes

⁹ Com base na literatura de David Harvey (2014), na qual o autor traz que se trata de um acesso individual ou coletivo aos recursos presentes na cidade e que para além disso, deve-se buscar uma construção urbana pensada no acesso de todos ao tocante necessário para a população, disponível nos centros urbanos.

(BENTO, 2013). É necessário que os/as professores/as da educação básica utilizem do conhecimento acadêmico para a construção de suas aulas, tanto em função de um bom aporte teórico para a efetiva mediação, quanto para despertar o interesse e a participação dos/as estudantes em sala, além de ser uma excelente ferramenta para “a superação das práticas tradicionais” (COUTINHO et. al., 2014, p. 766).

Os mesmos autores alertam das dificuldades encontradas por docentes que participaram da pesquisa realizada por eles, seja no acesso, como na utilização. O que alerta para se pensar a produção da pesquisa educacional, ou seja, ser pensada na prática da educação básica e que proporcione o efetivo uso em sala de aula. Conforme (CAVALCANTI, 2016, p. 208), “[...] é necessário e possível estreitar laços acadêmicos e profissionais entre universidade e escola, para tornar disponível esse material e utilizá-lo sistematicamente em aulas de geografia”. Com a finalidade de promover um rompimento com o ensino tradicional da Geografia.

Logo, é necessário a construção e o uso de instrumentos didáticos que deem conta de um conhecimento crítico da realidade a partir dos estudantes. Não mais um ensino decorativo, com base apenas no livro didático, que em sua maioria das vezes não pensado de forma direta para o seu público. É fundamental o embasamento teórico e metodológico que proporcionem a leitura espacial, partindo do local para o global; como deve ser o ensino da Geografia Escolar.

3.2 Fotografia e ensino

Tal processo de desenvolvimento dos conhecimentos não ocorre de maneira improvisada, é previamente planejada. Assim, aliado ao processo de ensino-aprendizagem se tem a didática. A didática, por sua vez, diz respeito a como tal processo ocorrerá. De que ferramentas o professor irá dispor para concretizar o plano de aula e efetivar o conhecimento.

Segundo Wachowicz “A pedagogia vem então trabalhar sobre a questão de como se realiza a apropriação do saber pela sociedade, e a didática vem trabalhar sobre a questão do método pelo qual se realiza a apropriação do saber pelas pessoas” (1991, p.51).

O recurso didático, logo, estabelece uma ponte entre os saberes dos/as estudantes e do/a professor/a, para que os saberes escolares sejam construídos de maneira clara e coesa. Assim, “Podemos dizer, então, que o essencial do processo didático é coordenar o movimento de vaivém entre o trabalho conduzido pelo professor e a percepção e o raciocínio dos alunos frente a esse trabalho” (LIBÂNEO, 1990, p. 95).

Posto isso, a presente pesquisa traz a fotografia, o trabalho com imagens, enquanto recurso didático para o ensino da cidade e suas diversas temáticas. Possibilitando aulas mais dinâmicas através de outras linguagens, com a visual, aliada e nunca excludente, aos textos (MUSSOI & SANTOS, 2008).

Como já trabalhado, a didática, a metodologia utilizada entra como recurso aliado dos saberes. Como intermédio entre saberes, estudantes, professor e conteúdo. Auxiliando na construção progressiva, na assimilação e efetivação do pensamento crítico geográfico dos cidadãos em formação.

A fotografia foi escolhida enquanto recurso didático por ela ser capaz de proporcionar a observação e análise crítica das mais diversas paisagens dentro da própria sala de aula. Não esquecendo que apensar de representar de maneira fidedigna uma dada realidade, ela representa apenas um fragmento do espaço num determinado tempo, por isso, cabe ao docente a intermediação e o estímulo na busca, por parte dos/as estudantes, dos sentidos e descrição da paisagem observada através da fotografia (MUSSOI & SANTOS, 2008).

As paisagens registradas aliadas ao conhecimento prévio dos/as estudantes, em conjunto com os saberes geográficos apresentado pelo/a professor/a, proporcionam um ensino palpável do que está a ser discutido em sala. Facilitando aos estudantes a visualização dos diferentes cenários urbanos, pois, “Paisagem urbana é o aspecto visível do espaço, é sua expressão formal, aparente. Como dimensão formal, expressa o conteúdo, as relações sociais que a formam. Assim, ela é histórica, social e concreta” (CAVALCANTI, 2016, p. 82).

O/a professor/a tem o papel fundamental de ser sensível em receber os saberes dos/as alunos/as referentes ao que está sendo representado na imagem, partindo assim, para a intervenção com o conhecimento científico. Auxiliando aos estudantes a enxergarem além do perceptível, buscar os sentidos. Como realizado no capítulo anterior, buscar a *partir* e *através* da paisagem, da dimensão concreta até o campo subjetivo; simbólico.

Com o uso das imagens é possível trabalhar a noção de que a paisagem contém além do que vemos, a paisagem é carregada de diferentes sentidos que passam por despercebido até mesmo na dimensão concreta, como os diferentes usos da “rua da frente”. Como dito:

A cidade assim abordada não é trabalhada somente como forma física, mas como materialização de modos de vida, como um espaço simbólico, e seu estudo pretende desenvolver no aluno a compreensão dos modos de vida da sociedade contemporânea, e do seu cotidiano em particular, que resultam em espacialidades determinadas e que são condicionados por elas. (CAVALCANTI, 2016, p. 71).

Portanto, a fotografia enquanto recurso didático permite aos estudantes visualizarem aquilo está sendo trabalhado em sala. A pôr em questão até paisagens que eles conhecem, porém, não a sua totalidade; além do conhecimento popular breve. A formação da cidadania, do pensamento geográfico crítico das relações nas diferentes espacialidades vividas pelos estudantes, ou seja, a construção dos saberes da Geografia escolar se torna palpável, facilitado através dessa proposta de intermédio entre o conhecimento dos/as estudantes e daquele que o/a professor/a detém através de sua formação. Assim, o próximo capítulo, além da elaboração do recurso didático a partir do capítulo anterior e o devido conhecimento como os que foram apresentados neste capítulo, traz a sua aplicação em sala de aula durante o estágio supervisionado.

4 PENSAR A “RUA DA FRENTE” NA SALA DE AULA

O presente capítulo foi construído a partir da prática docente. Sua base parte dos conteúdos, teorias e metodologias discutidas nos capítulos anteriores, com a finalidade de analisar como tais concepções auxiliam os/as estudantes a pensarem e discutirem, em sala de aula, a sua realidade espacial cotidiana.

A pesquisa se desenvolveu no Colégio Estadual Carlina Barbosa de Deus, no município de Paulo Afonso, Bahia. Em uma turma do 3º ano do ensino médio, turno matutino, do ensino regular, ainda não ensejada pelo Novo Ensino Médio. O acesso a turma ocorreu durante o estágio supervisionado de regência, durante o período 20/03/2023 (vinte de março de dois mil e vinte e três), até 17/04/2023 (dezessete de abril de dois mil e vinte e três), contando com 15 (quinze) dos 29 (vinte e nove) estudantes matriculados na turma.

Através da aula dialógica a qual teve como objetivo principal conhecer o conceito geográfico de Região, em razão do que foi solicitado pelo professor supervisor, o conceito de paisagem se tornou um conceito aliado para o entendimento de Região; investigando a regionalidade da “Rua da Frente” através das paisagens. Realizando leituras das fotografias e refletir acerca das questões presentes na região comercial do município de Paulo Afonso. Através da troca entre os saberes acadêmicos e o conhecimento dos/as estudantes, intermediado por questionamentos, desenvolveu-se uma atividade diagnóstica, no objetivo de sondar o conhecimento dos estudantes a partir de suas próprias vivências e o que foi trabalhado em sala.

A partir da aula, observou-se que tais acadêmicos em conjunto com a proposta da aula, sendo o conceito de Região o conteúdo base, proporcionou propriedade de argumentação dos estudantes. As respostas no decorrer das atividades se tornaram mais elaboradas quando eles passaram a pensar região através da própria realidade. Demonstrando que, quando se conduz o/a aluno/a para um debate através daquilo que faz parte de seu dia a dia, de sua realidade, as trocas e construção de saberes entre professor/a e estudante/a, são mais proveitosas.

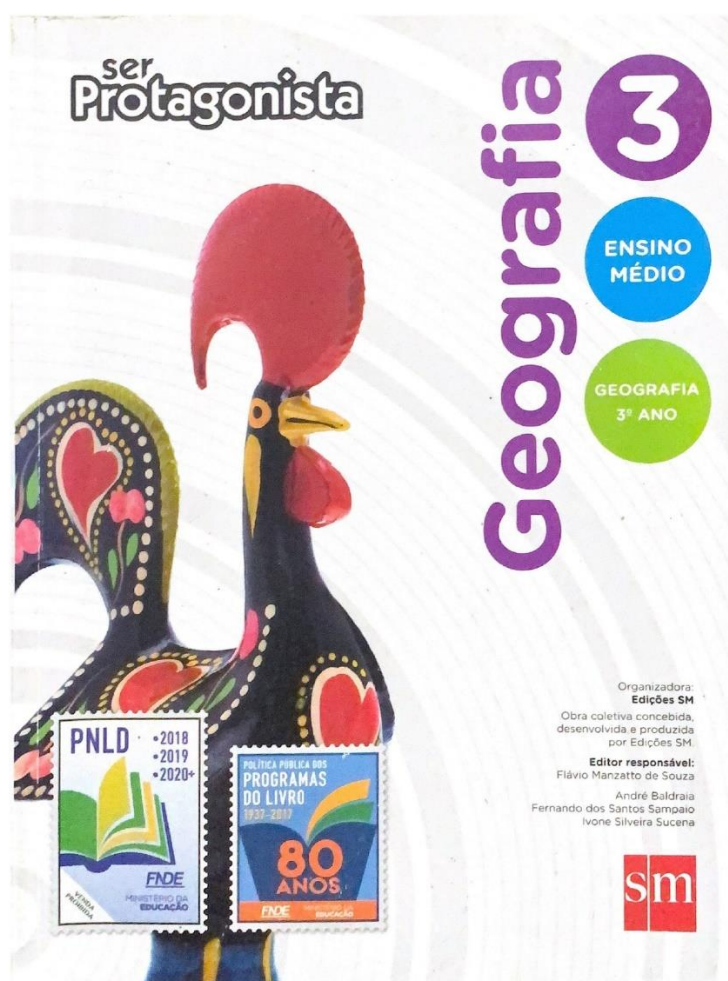
Assim, o capítulo encontra-se estruturado de maneira que deixe claro de que forma a aula foi planejada a partir do que foi orientado pelo professor supervisor, de que jeito ocorreu e a devida discussão acerca dos resultados obtidos através da atividade aplicada.

4.1 A cidade abordada em sala

Apesar do estágio ter tido duração de quatro semanas, a pesquisa foi realizada em duas aulas em função da proposta das posteriores a quais os seus conteúdos eram divergentes do que é abordado neste trabalho, voltadas para o ensino de território e geografia política.

As duas aulas ocorridas no dia 20/03/2023 (vinte de março de dois mil e vinte e três), de acordo com as orientações do professor supervisor, teria como intuito desenvolver um trabalho avaliativo a partir do capítulo 1 do livro didático utilizado pela turma, demonstrados nas figuras 27 e 28.

Figura 27 – Livro didático utilizado pela turma do 3º ano



Autor: Acervo pessoal, (2023).

Figura 28 – Capítulo indicado pelo professor supervisor

Sumário	
Unidade 1	A produção do espaço político 10
Capítulo 1	Territórios e fronteiras 12
	Estado e território nacional 13
	O papel do Estado na produção do espaço geográfico 14
	O mundo sem fronteiras do capital transnacional 16
	O mundo com fronteiras do trabalho: as migrações internacionais 17
	• Informe: O solo, a sociedade e o Estado 18
	• Mundo Hoje: Baarle: fronteiras distribuídas entre dois países 19
	• Atividades 20
Capítulo 2	As grandes guerras e a reordenação do espaço mundial 22
	O imperialismo e a Primeira Guerra Mundial 23
	A Revolução Russa 25
	A crise no período entre guerras 26
	A Segunda Guerra Mundial 27
	• Informe: Da paz à guerra 28
	• Mundo Hoje: A Conferência de Bretton Woods 29
	• Presença da África: O grande massacre no Congo 30
	• Atividades 32
Capítulo 3	A geopolítica no pós-guerra 34
	A Guerra Fria 35
	A descolonização 36
	O movimento dos não alinhados 37
	A divisão da Alemanha 37
	O fim da URSS e a nova ordem mundial 38
	As transformações no Leste Europeu 40
	As guerras do século XXI 42
	• Informe: Guerra como prestação de serviços 43
	• Atividades 44
Capítulo 4	A geopolítica no Brasil 46
	Analisando o Brasil por meio da geopolítica 47
	As desigualdades regionais 48
	A ação estatal 49
	A construção de Brasília e a geopolítica nacional 50
	Amazônia: riquezas e conflitos 51
	• Presença Indígena: São Gabriel da Cachoeira: uma cidade diferente 52
	As questões fronteiriças da Amazônia 54
	• Informe: Geopolítica da Amazônia 55
	• Atividades 56
	• Em análise: Construir e interpretar anamorfoses 58
	• Síntese da Unidade 60
	• Vestibular e Enem 61
	• Geografia e Arte: Bombas e tintas 65
	• Projeto Infográfico: povos apátridas, refugiados e deslocados internos 66

Autor: Acervo pessoal, (2023).

O professor supervisor não delimitou um tipo de atividade avaliativa específica ou um assunto específico, apenas que fosse realizada um trabalho com base no capítulo 1. A partir da leitura do capítulo do material didático e da proposta pedagógica do livro por inteiro, que trabalha em cima da geografia política e geopolítica e em razão da abordagem conceitual do presente trabalho, escolhi trabalhar com o conceito de Região. Visto que o conceito de território será aplicado ao decorrer de todo o ano letivo. No entanto, é importante ressaltar o capítulo conta com apenas uma seção a respeito de região, como demonstrado pelas figuras 29 e 30.

Figura 29 – Seção base da aula

O papel do Estado na produção do espaço geográfico

O espaço geográfico é produzido por toda a sociedade. São agentes da produção do espaço tanto os indivíduos, as organizações e as empresas como os organismos do Estado. É este o responsável pela formulação e fiscalização das normas que orientam o processo de produção do espaço geográfico.

Atualmente, as grandes empresas desempenham um papel significativo na produção do espaço. E essas empresas adquiriram tanta importância política que os Estados organizam o território de modo a criar as melhores condições para que elas se instalem. Assim, a efetivação de grandes projetos de infraestrutura responde, em grande parte, aos interesses das grandes corporações econômicas, nacionais ou transnacionais.

Planejamento estratégico

Uma das principais formas de atuação estatal é o planejamento estratégico. Ele engloba todas as ações que um Estado desenvolve, desde as diretrizes educacionais até a planificação da economia nacional. Esta, aliás, tem sido o principal objeto de planejamento, visto que o avanço dos outros setores depende do sucesso econômico de um país.

Os órgãos de planejamento, em grande parte, estão associados às áreas de produção, defesa, ciência, tecnologia, bem-estar social, educação e outras esferas consideradas estratégicas para a nação.

Planejamento urbano

No início do século XXI, a população urbana ultrapassou a população rural. Como as áreas urbanas concentram grande número de pessoas, surge a necessidade de estruturar o território para abrigar todos os seus habitantes. Em muitas situações, o Estado não consegue prover os espaços urbanos de infraestrutura necessária e adequada para que a população tenha boa qualidade de vida.

Em grandes áreas urbanas, serviços essenciais, como saneamento, educação, saúde, transporte e habitação necessitam de planejamento do Estado. Nas últimas décadas, o planejamento também se tornou fundamental para a questão da mobilidade urbana, visto que é necessário oferecer melhores condições de deslocamento da população para o trabalho, o lazer, etc.

GEOGRAFIA E ARQUITETURA

Arquitetura e planejamento urbano

O Estado pode ter papel decisivo na produção do espaço, como no caso das cidades planejadas. Na fotografia abaixo, vemos um dos aspectos de Brasília, um ícone do planejamento e da arquitetura no Brasil. Em muitas cidades planejadas brasileiras, o processo de urbanização foi tão intenso que não seguiu o planejamento urbano proposto originalmente. O resultado foi o surgimento de muitos bairros periféricos sem infraestrutura urbana.



Vista do eixo monumental, em Brasília (DF). Foto de 2015.

1. Pesquise outras cidades planejadas no país e analise suas características urbanísticas. Em sua pesquisa, avalie também o modo como essas cidades se desenvolveram ao longo do tempo.

AÇÃO E CIDADANIA

Os Jogos Paraolímpicos de 2016

Em 2012, Leonardo Gryner, diretor-geral do comitê organizador das Olimpíadas 2016 no Rio de Janeiro, afirmou: "Nós vamos fazer do Rio uma cidade muito acessível [...]. Todas as sedes serão acessíveis para deficientes, assim como o transporte público e as principais ruas da cidade". (Disponível em: <<http://www.folha.uol.com.br/esporte/2012/09/1150314-brasil-promete-acessibilidade-no-rio-na-paraolimpiada-16.shtml>>. Acesso em: 28 jan. 2016). Para isso, foi necessário aumentar os investimentos em acessibilidade.

1. Em grupos, pesquisem quais foram as principais necessidades de acessibilidade para a Paraolimpíada de 2016.

2. Pesquisem também as condições de acessibilidade na cidade onde vocês vivem e façam um pequeno planejamento propondo ações de melhoria.

Capítulo 1 – Territórios e fronteiras

14

Não escreva na

Autor: Acervo pessoal, (2023).

Figura 30 – Seção base da aula



Autor: Acervo pessoal, (2023).

Pensando no planejamento inicial do professor supervisor, e na presente proposta de aula/pesquisa educacional, além de se tratar do primeiro contato com os/as estudantes, a atividade avaliativa foi pensada como objetivo efetuar uma sondagem dos conhecimentos dos/as estudantes sobre o assunto a partir do que iria ser trabalhado em sala. Em razão de uma avaliação diagnóstica, mas também de caráter formativo, como critério avaliativo, foi priorizado a compreensão do nível de conhecimento dos/as estudantes acerca do conceito de

Região, a partir da capacidade de responder, de forma autoral, e associada com a discussão em sala e a percepção espacial.

Assim, a aula ocorreu através de alguns questionamentos, tais como: “o que vocês entendem por região?”, ou “todos os espaços são iguais?”, contando a todo momento com a participação dos estudantes, sendo a resposta mais presente: “as cinco regiões do Brasil”, levando-os a terem protagonismo em sala, na tentativa de fugir de um ensino tradicional onde apenas o professor faz leitura, exposição e aplicação de atividades. E no decorrer da exposição de conteúdo fossem feitas anotações.

Após esse momento, foi apresentada a definição do conceito de Região, como é ilustrado através dos apêndices A e B, sendo a leitura realizada por parte dos/as estudantes. Em ambas as leituras foi realizada a devida intervenção para que fosse tangível o que de maneira pura foi lido.

Em seguida, foi exemplificado alguns dos fatores responsáveis pelas configurações regionais, tais como: fatores culturais, naturais e até mesmo econômicos. Sendo três exemplos em escala pequena, a nível de países e estados. Apresentando o conceito de paisagem com um dos auxiliares para a identificação da diferenciação destas porções do espaço, como é trabalhado no segundo capítulo. Apenas um exemplo em grande escala, a Região Comercial em São Paulo. Em pouco os estudantes acrescentaram quando indagados sobre outros exemplos semelhantes àqueles que foram apresentados, como a região da Floresta Amazônica; do rio São Francisco e a região do Oriente Médio. Ao fim dessa primeira parte foi feita a primeira questão: O que, em suas palavras, delimita as cinco grandes regiões do Brasil? As respostas vão desde genéricas e até mesmo copiados da internet.

Após todos terem respondido, foi apresentada a proposta de se pensar se o próprio município onde residem poderia conter alguma região – como é visto no apêndice F, ou somente são encontradas em lugares como dos primeiros exemplos. A partir desse momento houve um aumento significativo da participação dos estudantes, que começaram a trazer exemplos como os próprios bairros, que são diferentes um dos outros e até o centro comercial.

Foi, então, feita a segunda questão: Pensando o que foi dito até agora, por que essa parte da cidade pode ser definida como região? A qual não foi feita debate anterior, apenas foi dito que deveriam responder com base no que conheciam; deixando as fotografias utilizadas no capítulo *Do comércio as moradias: os diferentes usos da “rua da frente”* como exemplos para refletirem

A partir desse momento as respostas foram mais precisas, mais detalhadas e até as dúvidas e indagações feitas pelos estudantes foram mais específicas; menos amplas ou até

mesmo sem confiança do que estava sendo visto como ocorreu no início da aula. Algumas mais sucintas, trazendo as praças e lojas como exemplos, outras mais detalhadas, pensando a posição em relação a cidade e outros serviços, além dos bens. Mas em comum, todas elas com um teor a mais de propriedade.

Em seguida, para demonstrar a dialética presente na região, de que o espaço e seus fragmentos possuem contradições e constante movimentos, bem como sentidos e simbolismos, foi apresentado a eles o conceito de direito à cidade

Após essa conceituação foi feita a última questão: Todos os moradores de Paulo Afonso têm acesso total a Região Comercial? Traga exemplos. Consistindo em provocar problematização e criticidade. As respostas apontam desde condições financeiras, distância em relação ao centro, assim como dificuldade de acesso via transportes. Cabendo a próxima subseção discutir os resultados obtidos.

4.2 Discutindo a partir da leitura da cidade dos estudantes

A atividade de cunho diagnóstico, ou seja, no objetivo sondar o que eles já sabiam, o que entenderam da aula e relacionando com as próprias experiências. Para sua realização, foi estruturada em três questões discursivas. A primeira com o seguinte enunciado: O que, em suas palavras, delimita as cinco grandes regiões do Brasil? Com a pretensão de realizar um apanhado geral do conceito de Região em cima de um exemplo amplamente conhecido. Em seguida, a segunda questão: Pensando o que foi dito até agora, por que essa parte da cidade pode ser definida como região? Cite características que fundamentem sua opinião. A esta segunda cabia destacar se na própria opinião com base no conceito de região e do que conhece da área comercial, se esta, se configura como região e que fatores e exemplos sustentam o argumento. A terceira: Todos os moradores de Paulo Afonso têm acesso total a Região Comercial? Traga exemplos. Esta, da mesma forma que a segunda, com pensamento individual, exigindo maior esforço crítico.

Para a análise dos resultados obtidos, as atividades foram divididas em dois grupos conforme as respostas dos/as estudantes, no objetivo de destacar cada uma das questões. O primeiro grupo, compostos, conforme os anexos, pelos alunos: 2; 3; 4; 5; 7; 9; 10; 11; 14. O segundo, também conforme os anexos pelos alunos: 1; 6; 8; 12; 13; 15.

Por se tratar de um primeiro momento com a turma, a atividade avaliativa serviu como ferramenta de sondagem para saber o quão eles conheciam sobre o assunto anteriormente a aula

e a partir. Assim, como a maneira como os estudantes estruturam seus argumentos; de que maneira eles respondem as atividades.

Foi solicitado que as respostas deveriam ter como base o que eles tinham entendido até aquele momento, o que eles já sabiam sobre região e a partir da aula. As respostas deveriam ser pessoais, sem necessidade de termos precisos, apenas que da forma como eles entendiam já seria suficiente.

A primeira questão, teve como intuito verificar se eles haviam entendido as definições generalizadoras do conceito de Região, aplicando às cinco grandes regiões do Brasil. Assim, a partir de um exemplo tão conhecido, seria provável de estabelecer um início da revisão de conhecimento.

Os/as alunos/as do primeiro grupo, infelizmente, em sua maioria, responderam a partir de pesquisas na internet. Trazendo respostas prontas e que nem condiziam com o intuito da questão, à exemplo o aluno 2, “A região é uma grande extensão do território de um país, de um continente etc., que se distingue dos demais por suas características físicas, administrativas, econômicas, políticas¹⁰”. Da mesma maneira o aluno 3: “As regiões do Brasil são grande divisões do território do país. Elas reúnem as características do relevo, do clima, da vegetação da hidrografia¹¹”.

Os alunos do segundo grupo trouxeram respostas de fato pessoais, com as próprias palavras. Alguns sem uma boa estruturação da resposta, mas que apresenta elementos que condizem com a proposta da questão e da atividade, à exemplo o aluno 12: “Por causa das leis e das regras de cada região e serve também para nós saber em qual região nos somos. E também cada região tem sua característica”. Outros, buscaram no que foi exposto na aula, respondendo corretamente, como é demonstrado pelo aluno 8: “A Hidrografia, Geografia, Etinia, Religião e a Industrialização”. À exemplo o aluno 1: “A região pode ser constituída por vários estados, Ela vai além de limites territoriais sendo diferentes entre si.”

Esse cenário dividido entre respostas prontas e pessoais se alterou a partir da segunda questão. A princípio, essa não tinha como encontrar pronta em sites, precisava estar aliada ao que foi trabalhado em sala, as imagens apresentadas, as mesmas utilizadas no capítulo *Do comércio as moradias: os diferentes usos da rua da frente*, as figuras 13; 18; 20; 26, como exemplos e o que eles em sua vivência com a região comercial observavam.

¹⁰ Tal resposta encontrasse no site Brainly, disponível em <https://brainly.com.br/tarefa/26628334>. Acesso em 22 de mar. de 2023.

¹¹ Tal resposta encontrasse no site Toda Materia, disponível em <https://www.todamateria.com.br/regioes-brasileiras/>. Acesso em: 22 de mar. de 2023.

Em ambos os grupos se observam respostas acerca das formas presentes nas ruas que compõe a região comercial. Alguns alunos trazem de maneira sucinta, como o aluno 4: “por praças, igrejas, mercados diferenciados de região de gente que pode coisa enfim”. O aluno 6: “Eu acho que é por ter vários comércios, dividindo como região”. Aluno 7: “A maior parte da cidade e comércio”. Aluno 8: Pode ser definida como região por conter a maior quantidade comerciantes agrupados em uma só região”. Aluno 11: “Existem muitas lojas comerciais que vendem coisas diversas exemplo: roupas, comidas, calçados, etc. E também é parte que mais existem lojas na cidade”.

Outros trazem elementos que dão sentido a configuração regional, como: localização, bem destacado pelo aluno 9: “Sim, pensando no todo, mais cada lugar mesmo a cidade sendo pequena tem suas características, comercio, é cheio de pessoas, lojas comércios, alguns são mais tranquilos” e funções, destacado pelo aluno 1: “Ela pode ser definida como região comercial por ter todo tipo de comércio, consultório, e outras coisas que a sociedade precisa no dia à dia”. Pelo aluno 2:

“Porque é um lugar que contém a maior parte do comercio diverso em Paulo Afonso, nela contém tudo que as pessoas de Paulo Afonso precisa e gosta. Nela contém coisas que em outras regiões de Paulo Afonso falta ou tem pouco, como clina; dentistas; comercio de roupas, bares e restaurantes, igrejas, escolas etc”.

A terceira e última questão causou uma inquietação ao perceber as semelhanças das respostas dos estudantes. A maioria, infelizmente alguns não responderam, trouxeram a distância de alguns bairros como pontua o aluno 2:

Cada vez mais as áreas de lazer estão ficando mais distantes dos cidadãos brasileiro, então em Paulo Afonso não é diferente. Por exemplo: as pessoas que moram na região rural, no BTN e Barroca, tem muita dificuldades a acessar a área comercial, pois os transportes que são pagos estão cada vez mais caro e os transportes e os transportes público é muito cheio e as pessoas precisam levar suas compras e tem muita dificuldade pois não tem cadeiras disponível e nem espaço para guardar as comprar. Além disso a muitas carentes que não tem dinheiro para curtir o lazer caro que o centro comercial de Paulo Afonso nos propõem.

Ele apresenta problema enfrentados em diferentes esferas. A primeira delas é a distância, o difícil acesso em razão dos centros urbanos serem distante, citando bairros do município de Paulo Afonso como BTN e Barroca, assim como a zona rural. Logo traz a problemática da locomoção, seja por transporte pago, que fica entendido serviços de aplicativo, mas que também funciona quando pensado em veículos próprios, citando também a precariedade dos transportes coletivos da cidade.

A questão referente aos transportes também é citada pelo aluno 5: “Não, por conta da dificuldade para conseguir transporte, por habitarem em uma região mais ‘afastada’ do centro e também por questões financeiras”. E o aluno 6: “Não, porque muitas não tem transporte por morar longe e nem condições financeiras”. Os demais, além das questões anteriores também pontuam “falta de condições” como fator responsável por muitos moradores não terem a região como ponto de referência acessível quando se pensa em comércio ou até mesmo lazer.

Comparando as respostas obtidas na questão 1 com as da questão 2, é notável a diferença na argumentação e estrutura das respostas. Por mais que as cinco grandes regiões sejam amplamente conhecidas, a avenida Getúlio Vargas e demais avenidas e ruas da região comercial fazem parte de seu cotidiano. Convivem com a regionalidade comercial.

A partir das fotografias apresentadas, que em muito eles dialogaram e até solicitaram que elas fossem apresentadas enquanto respondiam a segunda questão. Aliadas a imagem de satélite presente no capítulo *Do comércio às moradias: os diferentes usos da “rua da frente*, a figura 4, em conjunto com alguns conceitos trabalhados no mesmo capítulo, foi percebida uma melhora na discussão.

O maior salto veio na terceira questão, na qual foi proporcionado maior espaço para as opiniões e criticidade dos estudantes. Os argumentos apresentados demonstram aqueles que percebem o que acontece em sua própria cidade, ou que até mesmo vivenciam, em razão da sala ser composta por estudantes de diferentes bairros da cidade; além de estudantes da zona rural.

É preciso maior sensibilidade por parte dos docentes quando se trata de aulas expositivas e das atividades que propõem para avaliarem o avanço e aprendizagem dos estudantes frente ao que está sendo trabalhado.

Não se trata de meros trabalhos para compor cadernos de notas, se trata de sondar e acompanhar esses estudantes. Tais atividades, além da sala de aula, são espaços para conhecer os estudantes, o que eles sabem através de suas experiências com o espaço em suas vivências e se estão conseguindo associar com os conceitos apresentados em sala.

Em muito se agrega aos estudantes e aos docentes quando todos os saberes são respeitados, quando se constrói conhecimentos como um todo, como é dito por Castellar e Vilhena (2010), não se trata de apenas aplicar de maneira mecânica, mas realizar esforço de articulação entre o aporte teórico e a realidade. Dessa forma, não concentrado apenas aos professores e professoras que em muito apenas tratam de transmitir e que acabam por não procurar dialogá-los com os estudantes. As autoras ainda contribuem com o seguinte pensamento:

Espera-se, em uma prática de ensino mais dinâmica, que o aluno possa não só dar significado, mas compreender o que está sendo ensinado. Optando por uma metodologia de ensino que envolva o aluno na construção do conhecimento, espera-se que ele estude a partir de situações do cotidiano e relacione o conhecimento aprendido para analisar a realidade, que pode ser a local ou a global (CASTELLAR & VILHENA, 2010, p.6).

Portanto, atividades como esta desenvolvida nesta pesquisa demonstram em como pode se buscar alternativas de transformarem o ensino de Geografia próximo dos estudantes, proporcionando o devido espaço para que em trocas, eles de fato aprendam não somente conteúdos, mas que os leve para uma leitura crítica do mundo. Partindo do local para o global.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa demonstrou como a relação dos saberes do senso comum, no caso, o conhecimento dos/as estudantes e suas relações cotidianas com o espaço, e os saberes acadêmicos não são opostos, não devem ser distantes. Ambos se auxiliam em sala e constroem novos conhecimentos.

Docentes da educação básica devem se apropriar continuamente de tais saberes e as pesquisas devem ser desenvolvidas cada vez mais democráticas, respeitando as realidades que retratam, abominando trabalhos distantes e com teor de verdades absoluta.

O livro didático é um ponto de partida, não a aula pronta. Há diversas fontes científicas, seguras de serem utilizadas em sala. Além da própria realidade enquanto base, como foi demonstrado na pesquisa, a utilização da própria cidade como recurso didático. A base de conhecimento e de exemplificação.

As aulas devem ser pensadas para além de cumprimento do trabalho do docente para com a instituição. Deve ser lembrado a todo momento da responsabilidade com o desenvolvimento intelectual dos/as estudantes. Ciente dos desafios de uma profissão tão desvalorizada, ainda mais quando pensada na educação básica.

Entretanto, é de suma importância buscar a cada planejamento de aula, pensar o/a estudante incluído na contribuição em sala e do desenvolvimento dos saberes escolares a partir da troca entre professores/as e alunos/as. Romper cotidianamente com o ensino tradicional, proporcionar espaço em sala para ouvir os/as estudantes/as. Pensar em conjunto como os/as estudantes, aprender a ler as suas realidades, e buscar e/ou construir ferramentas didáticas-pedagógicas, junto aos saberes científicos, afim de alcançá-los e ajudá-los a ampliar o entendimento espacial da rua onde residem, do município, país e do mundo.

Além disso, é preciso provocar os graduandos de licenciatura em Geografia a contribuírem com os conhecimentos científicos os quais estão se apropriando ao decorrer de sua formação, para contribuição do ensino da Geografia escolar. Buscar romper com a distância entre pesquisa acadêmica e a pesquisa educacional. Ambas são aliadas e ambas constroem em sala de aula, os saberes escolares quando agregados ao senso comum dos estudantes.

Sem a pretensão, e sem enxergar a presente pesquisa como um ponto final, penso que existem diversas possibilidades de trabalhos a partir do que aqui foi desenvolvido, considerando os mais variados aspectos das cidades, sejam do interior ou metropolitanas, ou até mesmo se tratando de zonas rurais. As cidades vizinhas em conjunto como uma maior região.

Portanto, a proposta aqui, para além dos resultados obtidos, foi de provocar a pensar em como pesquisas acerca dos diferentes espaços, sejam pensados enquanto territoriais, regionais, suas paisagens, seus sentidos como locais simbólicos, representem a possibilidade de aproximação e auxílio no ensino da Geografia na educação básica. Que as próprias cidades em que os/as estudantes residem possibilitem espaço para debates, para expressam dos saberes, construção de conhecimento e formação de cidadãos portadores de conhecimento de sua própria realidade espacial e que outros espaços, em diferentes escalas, do municipal ao mundial, sejam possíveis de leituras críticas em razão de um efetivo ensino de Geografia.

REFERÊNCIAS

- BENTO, Izabella Peracini. **A mediação didática na construção do conhecimento geográfico: uma análise do processo de ensino e aprendizagem de jovens do ensino médio e da potencialidade do lugar**. 2013. 262 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013.
- BREITBACH, Áurea Corrêa de Miranda. **Estudo sobre o conceito de região**. 1986.
- CARLOS, Ana Fani (org.). Apresentação. *in*: CARLOS, Ana Fani Alessandri (org.). **A geografia na sala de aula**. – 9ª ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.
- CARVALHO, Maria Inez da Silva de Souza. **Fim de século: a escola e a geografia**. 3ª ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2007.
- CASTELLAR, Sônia & VILHENA, Jerusa. **Ensino de Geografia**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **A Geografia escolar e a cidade: Ensaio sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana (Magistério: Formação e trabalho pedagógico)**. Papirus Editora, 2016.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **O ensino de geografia na escola**. Papirus Editora, 2016.
- COLLIER, John. **Antropologia visual: a fotografia como método de pesquisa**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária LTDA. Editora da Universidade de São Paulo, 1973.
- CORRÊA, Rogério Lobato & ROSENDAHL, Zeny (Org). **Introdução à Geografia Cultural**. – 5ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- CORRÊA, Rogério Lobato. **O espaço urbano**. 4ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2003.
- CORRÊA, Rogério Lobato & ROSENDAHL, Zeny (Org). **Paisagem, imaginário e espaço**. Rio De Janeiro: EdUERJ, 2001.
- CORRÊA, Rogério Lobato. **Região e Organização Espacial**. 5ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1995.
- COUTINHO, Renato Xavier; FOLMER, Vanderlei; PUNTEL, Robson Luiz. Aproximando universidade e escola por meio do uso da produção acadêmica na sala de aula. **Ciência & Educação (Bauru)**, 2014, 20: 765-783.
- DA SILVA, Elany Cristina Barros; ROCHA, Genylton Odilon Rego. O ensino de Geografia na perspectiva da cidade educadora. **Revista GeoSertões**, 2021, 5.10: 58-83.
- DE BARROS CORREIA, Telma. De vila operária a cidade-companhia: as aglomerações criadas por empresas no vocabulário especializado e vernacular. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais (RBEUR)**, 2001, 4: 83-98.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais**. 3ª ed., 13ª reimpr. São Paulo: Atlas, 2009.

GADOTTI, Moacir; PADILHA, Paulo Roberto; CABEZUDO, Alicia (orgs.). **Cidade educadora: princípios e experiências**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2004.

HARVEY, David. **Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. – 4ª ed., - São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez Editora, 1990.

LIMA, João de Sousa. **Paulo Afonso e a Vila Poty: A história não contada**. Paulo Afonso: Fonte Viva, 2017.

MAXIMIANO, Liz Abad. Considerações sobre o conceito de paisagem. Curitiba: **Raega – O Espaço Geográfico em Análise**, v.8, Editora da UFPR, 2004. pp. 83-91.

MONTEIRO, Charles. **História, fotografia e cidade: reflexões teóricometodológicas sobre o campo de pesquisa**. MÉTIS: História&Cultura, 2006, 5.9.

MORAN, José Manuel. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas. p. 11-66. In: MORAN, José Manuel; MASSETO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e a mediação pedagógica**. São Paulo: Papirus, 2000.

MUSSOI, Arno Bento; SANTOS, Wanda Terezinha Pacheco dos. **A fotografia como recurso didático no ensino de Geografia**. Artigo apresentado como requisito parcial para a obtenção da certificação do Programa de Desenvolvimento Educacional do Paraná em convenio entre secretaria de Estado do Paraná e UNICENTRO. Guarapuava-PR, 2008.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

PINTO, Francisco Ringostar; CARNEIRO, Rosalvo Nobre. O Ensino de Geografia no século XXI: Práticas e desafios do/no Ensino Médio. **Revista GeoInterações**, 2019, 3.2: 3-22.

SALGUEIRO, Teresa Barata. **Paisagem e geografia**. Finisterra, v.36, n. 72, 2001.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia**. – 6ª ed., 3ª reimpressão. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2021.

SAUER, Carl O. A Morfologia da paisagem. p. 12-74. in: CORRÊA, Roberto Lobato & ROSENDAHL (org.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. pp. 12-74.

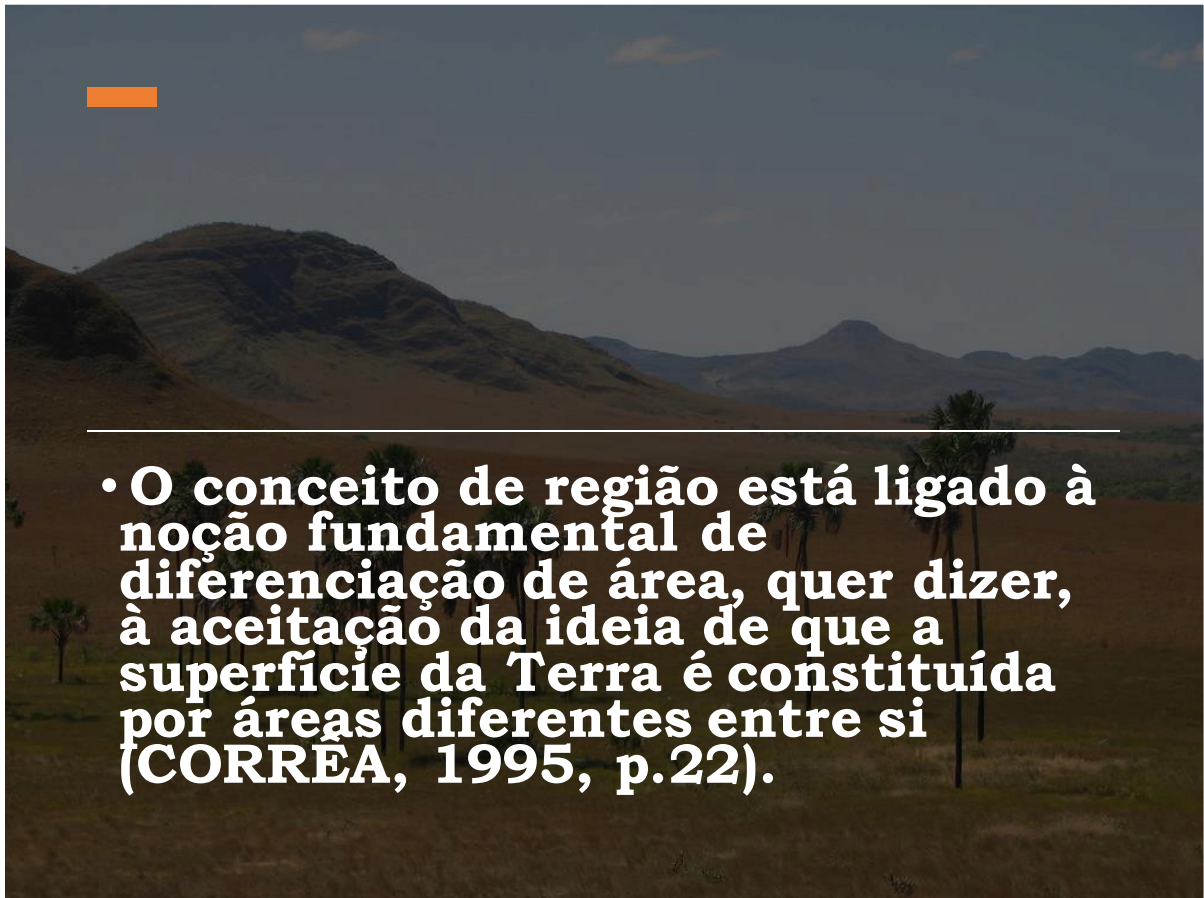
SILVA, Maria Jailma da. **A fotografia como recurso didático em ensino de Geografia no Ensino fundamental II**. 2022. 58 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em

Geografia) - Unidade Delmiro Gouveia - Campus do Sertão, Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia, 2021.

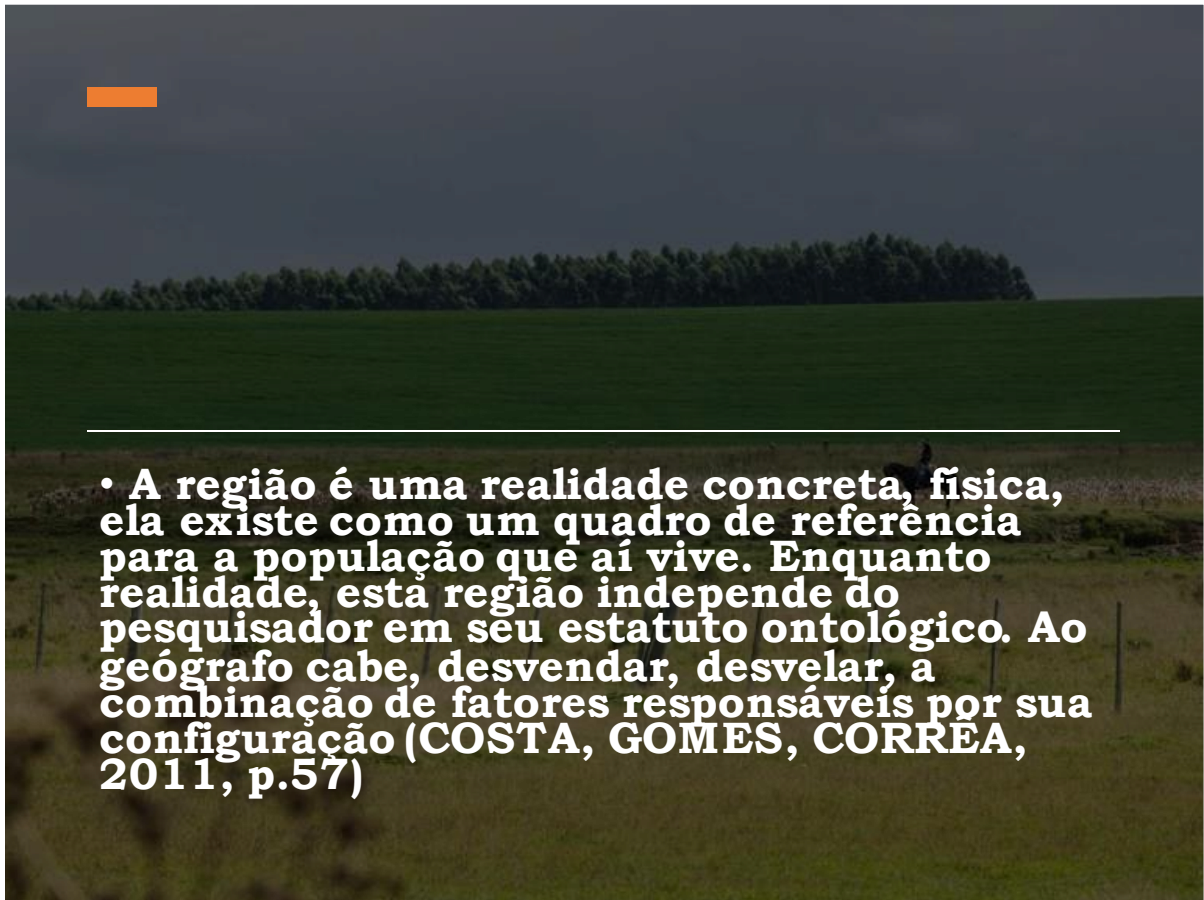
VESENTINI, José William. Educação e ensino da geografia: instrumentos de dominação e/ou libertação. p. 14-33. *in*: CARLOS, Ana Fani Alessandri (org.). **A geografia na sala de aula.** – 9ª ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

WACHOWICZ, LÍlian Anna. **O método dialético na didática.** – 2ª ed. – Campinas, SP: Papirus, 1991. – (Coleção magistério: formação e trabalho pedagógico).

APÊNDICE A – SLIDE DA AULA SOBRE REGIÃO



APÊNDICE B – SLIDE DA AULA SOBRE REGIÃO



APÊNDICE C – SLIDE DA AULA SOBRE REGIÃO

Regiões por características naturais

REGIÃO DO RIO SÃO FRANCISCO



REGIÃO DA FLORESTA AMAZÔNICA



APÊNDICE D – SLIDE DA AULA SOBRE REGIÃO

Regiões por características sociais

ORIENTE MÉDIO



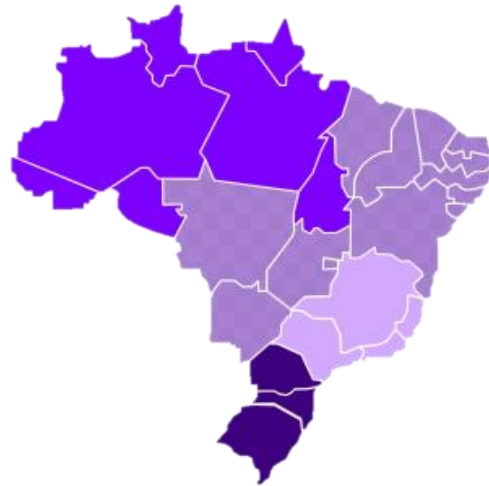
RUA OSCAR FREIRE – SÃO PAULO/SP



APÊNDICE E – ATIVIDADE

- Defina região

O que, em suas palavras, delimita as cinco grandes regiões do Brasil?



APÊNDICE F – SLIDE DA AULA SOBRE REGIÃO

PENSAR REGIÃO A PARTIR DA PRÓPRIA CIDADE



APÊNDICE G – SLIDE DA AULA SOBRE REGIÃO



APÊNDICE H – ATIVIDADE

Pensando o que foi dito até agora, por que essa parte da cidade pode ser definida como região? Cite características que fundamentem sua opinião

Todos os moradores de Paulo Afonso tem acesso total a Região Comercial? Traga exemplos

ANEXO A - ALUNO 1

20/03/23

Geografia

3º "C"

* Defina região:

O que em suas palavras, delimita as cinco grandes regiões do Brasil?

- A região pode ser constituída por vários estados, Ela vai além de limites territoriais sendo diferentes entre si.

Elas podem se delimitarem umas das outras por cada uma ter sua forma de ser composta.

- Ela pode ser definida como região comercial por ter todo tipo de comércio, consultório, e outras coisas que a sociedade precisa no dia a dia.

- Não, Por que tem pessoas que moram em bairros distantes e muitas vezes não tem condições de passagem.

ou muitas vezes não tem tempo por conta de trabalho, ou até sem, mais por conta de trabalho, e não con-

tilibra

ANEXO B - ALUNO 1

27/07/00

seguem desfrutar das coisas que
tem aqui no centro que elas não
tem acesso frequentemente.

com os alunos, durante a aula, me sup
? Lição de Inglês e Inglês

- as 100 atividades me abri a porta de
atualizar o meu conhecimento, e abri a
meu conhecimento e abri a porta de

de 100 atividades me abri a porta de
atualizar o meu conhecimento, e abri a
meu conhecimento e abri a porta de

de 100 atividades me abri a porta de
atualizar o meu conhecimento, e abri a
meu conhecimento e abri a porta de

de 100 atividades me abri a porta de
atualizar o meu conhecimento, e abri a
meu conhecimento e abri a porta de

tilibra

ANEXO C - ALUNO 2

□□□

3-C

Defina região

O que, em suas palavras, delimita os eixos grande, regiões do Brasil?

Defina região

A região é uma grande extensão de território de um país, de um continente etc, que se distingue dos demais por suas características físicas, administrativas, econômicas, políticas.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) define regiões também por culturas, idiomas e costumes.

Porque é um lugar que contém a maior parte do comércio diversos em Paulo Afonso, não contém tudo que as pessoas de Paulo Afonso precisam e gostam. Não contém coisas que em outras regiões de Paulo Afonso falta também coisas como clinica, dentistas, centros de saúde, lojas e restaurantes, igrejas, escolas etc.

ANEXO D - ALUNO 2

3-8 de 1984. A linha 1000



Oito Vly mais as áreas de lazer, lotes ficando mais
 distantes das cidades, Brasília, então em Paulo
 de Paulo não é diferente, por exemplo, as áreas
 que moram na região rural, no BTR de Bonorato
 muita dificuldade a acessar a área comercial, pois
 os transportes que são locais, lotes com Vly mais
 com o os transportes públicos é muito difícil e os
 preços. Por isso, há os seus problemas e tem muita dificuldade
 pois não tem meios disponíveis e não há meios para
 guardar os carros. Além disso, a muitos lugares
 locais que não tem dinheiro para criar o lugar
 com o que o sistema comercial de Paulo não tem
 problema.

ANEXO E - ALUNO 3

De C. [redacted]

características das 5 regiões do Brasil

- As regiões do Brasil são grandes divisões do território do país. Elas reúnem as características do relevo, do clima, da vegetação e da hidrografia.

• Porque essa parte da cidade pode ser definida como região? Cite características que fundamentem sua opinião.

Nem todos tem acesso a região central pois condições financeiras de alguns moradores sobras.

ANEXO F - ALUNO 4

D S T Q Q S S

1. Defina região

O que em suas palavras, delimita as cinco grandes regiões do Brasil? Para mim é tudo estruturado em particularmente gosto mais da maneira o território brasileiro é dividido em cinco grandes regiões em quais foram delimitados pelo instituto Brasileiro de geografia e estatística em 1964 e tornados oficiais por meio de um decreto publicado em novembro de 1964

② pensando o que foi dito até agora, por que essa parte da cidade pode ser definida como região? Cite características que fundamentam sua opinião por praças, igrejas, mercados diferenciados de região de gente que pode como Infância.

[REDACTED] 3ª série C

ANEXO G - ALUNO 5

D S T Q Q S S
D E M M J V S

Defina região

- O que em suas palavras delimita as cinco grandes regiões do Brasil? A região é uma grande extensão territorial de um país.
- Pensando no que foi dito até agora, por que essa parte da cidade pode ser definida como região? Cite características que fundamentem sua opinião? Por ser uma área de "fácil acesso" na qual estão localizados pontos essenciais, como mercados, diversas lojas, petshop... É como se fosse a rua principal, tanto é que fica localizada no Centro.
- Todos os moradores de Paulo Afonso tem acesso total a região Comercial? Traga exemplos. Não, por conta da dificuldade para conseguir transporte, por habitarem em uma região mais "apastada" do centro e também por questões financeiras.

ANEXO H - ALUNO 6

Data: 10/03/2023 3º C

~~Um [illegible] [illegible]~~

• Defina região

O que, em suas palavras, delimita as cinco grandes regiões do Brasil? A região é uma grande extensão territorial de um país, as características da população e regiões semelhantes culturais e desenvolvimento econômico.

Pensando o que foi dito até agora, por que essa parte da cidade pode ser definida como região? Cite características que fundamentem sua opinião.

Ei acho que é por ter várias comércios, dividindo como regiões.

Todos os moradores de Paulo Afonso tem acesso total a região comercial? Não, porque muitos não tem transporte por morar longe e nem condições financeiras.

ANEXO I - ALUNO 7

Geografia

20 | 03 | 23

3°C

Defina região

O que, em duas palavras, delimita as cinco grandes regiões do Brasil?

O Território Brasileiro é demarcado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Cada uma dessas regiões é formada por um conjunto de estados ou unidades de federação.

Resumindo o que foi dito até agora, por que uma parte da cidade pode ser definida como região? Cite características que fundamentam sua opinião.

A maior parte da cidade é comércio.

Todos os moradores de Paulo Afonso têm acesso total a acesso comercial? Não, porque nem todo mundo tem condições.

ANEXO J - ALUNO 8

20/03/2023

~~2º) Qual a importância da região (3º) R~~

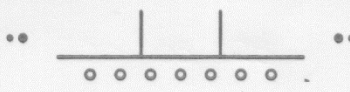
1º) O que em suas palavras delimita as cinco grandes regiões do Brasil?

A Hidrografia, Geografia, Étnia, Religião e a Industrialização.

2º) Pode ser definida como região por conter a maior quantidade de comerciantes agrupados em uma só região.

3º) Não. Muitas pessoas não tem condições financeiras ou até estruturais como pessoas que moram longe, pessoas que não tem condições monetárias para usufruir dos estabelecimentos, ou até as pessoas que trabalham o dia todo nas lojas da região.

ANEXO K - ALUNO 9

..  ..

Turma 3º C-M

O que, em suas palavras, delimita as cinco grandes regiões do Brasil? Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sul, Sudeste. Norte, é a maior região do Brasil em termos de extensão territorial. Nordeste: semi-árido, equatorial úmido.

Pensando o que foi dito até agora, por que essa parte da cidade pode ser definida como região de Paulo Afonso?

Simples, pensando no todo, mais cada lugar mermosa cidade sendo pequena em suas características, comércio, e fluxo de pessoas, lojas comerciais, alguns são mais tranquilos.

Todos os moradores de Paulo Afonso tem acesso total a Região Comercial?

Alguns não, uns trabalham, outros tem emprego, mais alguns não tem condições e não tem trabalho.

ANEXO L - ALUNO 10

• Defina região

O que, em suas palavras, define as cinco grandes regiões do Brasil?

Região é uma grande extensão da território de um país, de um continente etc.

as divisões do território nacional com base em critérios, como aspectos naturais, sociais, culturais e econômicos. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que divide o país, atualmente, em cinco regiões:

1 Norte

2 Nordeste

3 Centro-Oeste

4 Sudeste

5 Sul

Pensando o que foi dito até agora, por que essa parte da cidade pode ser definida como região? cite características que fundamentem sua opinião

A maior parte da cidade é comércio e serviços

Não, pois nem todos tem comércio ou moram um pouco longe

ANEXO M - ALUNO 11

3°C | |
□ □ □ □ □ □ □

• Defina região

O que, em suas palavras, delimita as cinco grandes regiões do Brasil?

A região é uma grande extensão territorial de um país, as características da população e sociais, ~~atrativas~~ ^{semelhanças} culturais e de desenvolvimento econômico. Acho que facilita o desenvolvimento político e da infraestrutura.

Existem muitas lojas comerciais que vendem coisas diversas exemplo: roupas, comidas, acessórios, etc. e também é a parte que mais existem lojas na cidade.

Não, porque nem todo mundo tem condições para poder por exemplo cursar um evento nas praias, fazer compras no comércio ou simplesmente lancher nas lanchonetes.

Jandaia

ANEXO N - ALUNO 12

Data: 20/03/2023

aluno: [REDACTED]

Serie: 3ª Turma: C

Trabalho de Geografia

O que, em suas palavras, delimita as cinco grandes regiões do Brasil?

Por causa das leis e das regras de cada região e serve também pra nos saber em qual região nos somos. E também cada região tem sua característica.

Pensando o que foi dito até agora, por que essa parte da cidade pode ser definida como região? Cite características que fundamentem sua opinião.

Por que nessa partes da cidade tem muita coisas assim podem encontrar nas ruas, como praças, comércios e residências, e hospitais. E também tem pessoas que tem dificuldade de ir para esses lugares como o hospital e mercado, coisas que geralmente não tem nas bairros.

Temos os moradores de Paulo Afonso tem acesso total a Região Comercial? Traga exemplos. Não, por que tem muitas pessoas que não são daqui do Centro e não tem como ter acesso, por falta de dinheiro e de transporte.

ANEXO O – ALUNO 13

20/03/23

• Defina região

1º O que, em termos políticos, delimita as cinco grandes regiões do Brasil?

As características diferentes, como cultura, vegetação.

2º Por que divide em partes/boas, como em alguns lugares são mais desenvolvidas do que outras das mesmas?

3º Não. A maioria não vem para trabalhar, e não para estudar do Brasil.

Aluno: [REDACTED]

3º. C. molunio

ANEXO P - ALUNO 14

Seg Ter Qua Qui Sex Sab Dom

20 03 2023

• Defina região

1) O que, em suas palavras, delimita as cinco grandes regiões do Brasil?

A divisão regional oficial do Brasil é aquela que é estabelecida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sendo composta por cinco regiões: Centro-Oeste, Nordeste, Norte, Sudeste e Sul.

2) Por que uma cidade grande é dividida por zonas/bairros, como em alguns lugares está na cidade de São Paulo?

3) Não. Uma grande maioria vai para o trabalho.

Aluno: [REDACTED]

Turma: 3º C M



ANEXO Q - ALUNO 15

20 | 03 | 23
 □ □ □ □ □ □ □

geografia

3º "C" - M

• Dezima região é constituída por solos e paisagem

O que, em seus pareceres, delimita as cinco grandes regiões do Brasil? As características de cada uma delas, ou seja, a região está além de limites territoriais

Pensando o que foi dito até agora, por que uma parte da cidade pode ser designada como região? Cite características que fundamentam sua opinião. Porque possuem características em paisagem e clima, os rios, lagoas, zonas úmidas e alguns características

Todos os municípios de Paulo Afonso tem acesso total a região camélica? Não, pois nem todos tem condições de frequentar tal camélica, por serem pessoas que não tem meios de frequentar-la.